

V I N T A G E



W. SOMERSET MAUGHAM

O FIO DA NAVALHA

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ANA MARIA CHAVES

ASA

Título original:
THE RAZOR'S EDGE
© The Royal Literary Fund

Design da capa: Panóplia®
Imagem da capa: Shepard Sherbell/Corbis/VMI
Fotografia do autor: Aanro Patten
Paginação: GSamagaio
Impressão e acabamentos: Multitipo

1.ª edição: Novembro de 2004
3.ª edição: Agosto de 2010
Depósito legal n.º 311318/10
ISBN 978-989-23-0942-2
Reservados todos os direitos

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Telef.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201
edicoes@asa.pt
www.asa.pt
www.leya.com

*É difícil percorrer o fio de uma navalha; tão penoso,
dizem os sábios, como o caminho da Salvação.*

KATHA-UPANISHAD



PRIMEIRA PARTE

1

Nunca comecei a escrever um romance com tantos receios. Se lhe chamo romance é só por não saber o que mais lhe chamar. Tenho pouca história para contar e não termino nem com uma morte nem com um casamento. A morte põe fim a todas as coisas, sendo por isso a conclusão cabal para uma história, mas o casamento também a remata de forma muito conveniente, e os mais sofisticados costumam até desdenhar erradamente do que se convencionou designar por final feliz. É o instinto saudável das pessoas comuns que as leva a convencer-se de que com um final feliz tudo o que precisa de ser dito fica dito. Quando um homem e uma mulher, depois de enfrentarem todas as vicissitudes possíveis e imagináveis, ficam enfim juntos, já cumpriram a sua função biológica e o interesse passa para a geração vindoura. Mas eu vou deixar o meu leitor na expectativa. Este livro consiste nas lembranças que guardo de um homem com quem privei de longe em longe e de quem não fazia a mínima ideia do que acontecia durante os períodos em que não o encontrava. Inventando, conseguiria, penso eu, preencher essas lacunas de forma plausível e tornar a minha narrativa mais coerente, mas não desejo fazê-lo. Quero apenas escrever sobre aquilo de que tenho conhecimento.

Há muitos anos escrevi um romance intitulado *A Lua e Cinco Tostões*. Nesse romance peguei num pintor famoso, Paul Gauguin, e, fazendo jus ao privilégio de escritor, imaginei uma série de incidentes para ilustrar a personagem que havia criado com base em meia dúzia de achegas fornecidas pelos poucos factos que conhecia da vida

do artista francês. Neste livro procurei não fazer nada disso. Não inventei nada. Para poupar constrangimentos a pessoas ainda vivas, dei às personagens que desempenham papéis nesta história nomes fictícios e tomei todas as precauções para evitar que alguém as reconhecesse. O homem sobre quem escrevo não é famoso. Talvez nunca venha a sê-lo. Talvez, quando a sua vida chegar ao fim, não deixe da sua passagem pela terra vestígio maior do que uma pedra atirada a um rio deixa na superfície da água. E o meu livro, se realmente vier a ser lido, sê-lo-á apenas pelo interesse intrínseco que possa ter. Pode contudo acontecer que o estilo de vida que ele escolheu, bem como a força e a ternura que o caracterizam, venham a ter uma influência cada vez maior nos outros homens, de tal forma que, muito tempo após a sua morte, talvez se chegue à conclusão de que nesta época viveu uma criatura notável. Nessa altura tornar-se-á óbvio sobre quem escrevo e quem quiser conhecer pelo menos um pouco do seu início de vida talvez encontre neste romance algum motivo de interesse. Penso que o meu livro, dentro das já conhecidas limitações, será uma fonte de informação útil para os biógrafos do meu amigo.

Não pretendo que as conversas que registei sejam encaradas como reproduções literais do que foi dito. Nunca guardei notas do que foi falado nesta ou naquela ocasião, mas tenho boa memória para tudo o que me diz respeito e, apesar de ter traduzido todas essas conversas por palavras minhas, estou convencido de que representam fielmente tudo o que foi dito. Um pouco mais atrás afirmei que não inventei nada; quero agora alterar tal afirmação. Tomei a liberdade que os historiadores têm tomado desde os tempos de Heródoto, colocando na boca das personagens da minha narrativa discursos que eu próprio não ouvi nem poderia ter ouvido. Fi-lo pelas mesmas razões que os historiadores o fizeram, para dar mais vida e verosimilhança a cenas que surtiriam muito pouco efeito se tivessem sido apenas recontadas. Quero ser lido e julgo ter justificação para fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que o meu livro proporcione uma leitura agradável. O leitor inteligente facilmente descobrirá por si próprio onde usei tal artifício e é inteiramente livre de o rejeitar.

Outra razão que me levou a lançar-me neste projecto com alguma apreensão foi o facto de as pessoas com quem normalmente privo serem americanas. É muito difícil conhecer os outros e acho que nunca se consegue conhecer realmente ninguém a não ser os

nossos compatriotas. Isto porque os homens e as mulheres não são apenas eles próprios, são também o local onde nasceram, a casa na cidade ou a quinta onde aprenderam a andar, as brincadeiras que fizeram na infância, as histórias que ouviram contar e recontar, a comida que comeram, as escolas que frequentaram, os desportos que praticaram, os poetas que leram e o Deus em que aprenderam a acreditar. Foram todas estas coisas que as transformaram no que são, e todas elas são coisas que não é possível conhecer somente de ouvir falar, coisas que só se podem conhecer se as tivermos vivido, que só se podem conhecer se nos transformarmos nelas. E, como não se podem conhecer as pessoas de um país que nos é estranho a não ser pela observação, é difícil dar-lhes credibilidade nas páginas de um livro. Nem um observador tão subtil e cuidadoso como Henry James, não obstante ter vivido quarenta anos em Inglaterra, conseguiu criar uma única personagem inglesa que fosse completamente inglesa. Pela minha parte, e à excepção de meia dúzia de contos, nunca tentei retratar ninguém que não fosse meu compatriota, e se alguma vez me aventurei a fazer o contrário foi porque nesses contos era possível tratar as personagens de forma mais superficial. O escritor fornece ao leitor meia dúzia de traços gerais e deixa-o preencher pormenores por sua conta. Poderão sempre perguntar por que razão, se transformei Paul Gauguin num inglês, não poderia fazer o mesmo com as personagens deste romance. A resposta é simples. Não podia. Se o fizesse, elas não seriam as mesmas personagens. Não pretendo que sejam americanas do modo como os Americanos se vêem a si mesmos; são americanas vistas pelos olhos de um inglês. Não tentei reproduzir as peculiaridades do seu discurso. A confusão que os escritores ingleses criam quando tentam fazê-lo só é comparável à confusão que os escritores americanos criam quando tentam reproduzir o inglês falado em Inglaterra. O calão é a armadilha principal. Nas suas histórias inglesas, Henry James usava-o constantemente, mas nunca como os ingleses o usam; assim, em vez de obter o efeito coloquial que procurava, provocava muitas vezes no leitor inglês um desconfortável arrepio.

Em 1919 eu estava por acaso em Chicago a caminho do Extremo Oriente e, por razões que nada têm a ver com a presente narrativa, ia lá ficar duas ou três semanas. Tinha publicado há pouco um romance de sucesso e, sendo ainda novidade, mal tinha chegado já estava a ser entrevistado. Na manhã seguinte, o telefone tocou. Atendi.

— Fala Elliott Templeton.

— Elliott? Pensei que estivesse em Paris.

— Não, vim visitar a minha irmã. Queríamos que viesse almoçar hoje connosco.

— Será um prazer.

Ele marcou a hora e deu-me a morada.

Conhecia Elliott Templeton há quinze anos. Nessa altura ele já tinha cinquenta e muitos; era um homem alto, elegante e bem-parecido, de farta cabeleira ondulada, grisalha apenas o suficiente para lhe dar um ar ainda mais distinto. Andava sempre magnificamente vestido. Comprava os fatos, os sapatos e os chapéus em Londres, mas o resto do vestuário comprava-o no Charvet. Tinha um apartamento em Paris, na Rive Gauche, na elegante rue St. Guillaume. Diziam os que não gostavam dele que era traficante, mas esta era uma acusação que o deixava profundamente indignado. Tinha bom gosto e bons conhecimentos e nenhum problema em admitir que em anos passados, quando tinha vindo morar para Paris, havia beneficiado com os seus conselhos alguns colecionadores abastados que queriam comprar quadros. E quando, através das suas relações sociais, ficava a saber que algum aristocrata arruinado, inglês ou francês, estava disposto a vender um quadro de um autor bem cotado, ficava feliz por poder pô-lo em contacto com os directores de museus americanos que, segundo sabia, andavam à procura de uma bela obra deste ou daquele mestre. Havia muitas famílias antigas em França, e algumas em Inglaterra, que a força das circunstâncias obrigava a separar-se de uma peça assinada de Buhl ou de uma escrivania feita pelo próprio Chippendale desde que tudo pudesse ser tratado com sigilo, e ficavam muito contentes por conhecer um homem dotado de grande cultura e esmerada educação que pudesse fazer o negócio com discrição. Claro que em geral todos pensavam que Elliott

lucrava com estas transacções, mas a boa educação impedia-os de tocar nesse assunto. Asseveravam as más-línguas que tudo o que tinha no seu apartamento estava à venda e que, depois de convidar americanos endinheirados para um opíparo almoço regado com vinhos das melhores castas, um ou dois quadros desapareciam misteriosamente ou então uma cómoda ricamente embutida era substituída por uma lacada. E, quando lhe perguntavam por que motivo determinada peça se tinha eclipsado, ele explicava de forma inteiramente plausível que não a considerava à altura dos seus pergaminhos e a tinha trocado por outra de qualidade muito superior. E acrescentava ainda que se cansava de estar sempre a olhar para as mesmas coisas.

— *Nous autres Américains*, nós os Americanos — dizia ele — apreciamos a mudança. É o nosso ponto mais fraco e simultaneamente o mais forte.

Algumas das distintas senhoras americanas a residir em Paris, que afirmavam saber tudo a seu respeito, diziam que provinha de uma família muito pobre e que, se conseguia viver como vivia, isso se devia apenas à sua argúcia. Não sei quanto dinheiro tinha, mas o duque a quem alugara o andar onde morava cobrava-lhe certamente uma renda muito elevada, tanto mais que a casa estava mobilada com peças valiosas. Nas paredes viam-se quadros dos grandes mestres franceses — Watteau, Fragonard, Claude Lorraine, etc.; tapetes de Savonnerie e Aubusson ostentavam a sua beleza nos soalhos de *parquet*; e, na sala de visitas, havia um conjunto de sofás Luís XV recamados a *petit point*, de uma tal elegância que bem poderia ter pertencido, como ele afirmava, a Madame de Pompadour. De qualquer forma, tinha o suficiente para viver no que considerava ser o estilo certo para um verdadeiro cavalheiro sem ter de ganhar dinheiro, e o modo como o tinha conseguido no passado era assunto que quem não desejasse perder a sua amizade deveria ter o bom senso de não mencionar. Assim, liberto de preocupações materiais, entregava-se à paixão que regulava a sua vida e as suas relações sociais. As suas relações comerciais com nomes grados, mas falidos, tanto em França como em Inglaterra garantiam-lhe o apoio que obtivera ao chegar à Europa, ainda jovem, com cartas de apresentação para pessoas importantes. As suas origens recomendavam-no junto das americanas brasonadas a quem as cartas eram dirigidas, pois

pertencia a uma família muito antiga da Virgínia e descendia, por parte da mãe, de um dos signatários da Declaração da Independência. Era bem-parecido, inteligente, bom dançarino, bom atirador e um excelente jogador de tênis — uma mais-valia em qualquer festa. Era pródigo em flores e dispendiosas caixas de bombons e, embora recebesse poucas vezes na sua própria casa, quando o fazia era com uma originalidade que a todos agradava. As americanas endinheiradas adoravam ser levadas aos restaurantes boémios do Soho ou aos *bistros* do Quartier Latin. Estava sempre pronto a ajudar e não havia favor que lhe pedissem, por mais enfadonho que fosse, que ele não fizesse com prazer. Preocupava-se muito em agradar às senhoras mais maduras e não demorava muito a tornar-se no *ami de la maison*, a mascote da casa, muitas vezes uma mansão imponente. Era de uma amabilidade extrema, nunca se importando de ser convidado em cima da hora caso alguém tivesse desistido no último momento, e podiam sentá-lo ao lado da velhota mais maçadora, que ele seria mesmo assim tão encantador e espirituoso como só ele sabia ser.

No espaço de dois anos ou pouco mais — quer em Paris, onde se tinha instalado, quer em Londres, onde ia passar o final do Verão e o início do Outono, reservado para uma série de visitas às casas de campo dos amigos — ficou a conhecer todas as pessoas que um jovem americano poderia conhecer. As senhoras que inicialmente o tinham apresentado à sociedade ficavam surpreendidas ao descobrir como o seu círculo de amigos se tinha alargado, o que as deixava algo perplexas — satisfeitas, por um lado, por o seu *protégé* ter feito tanto sucesso, mas algo despeitadas, por outro, por ele ser tão íntimo de pessoas com quem elas próprias continuavam a manter relações estritamente formais. Apesar de ele continuar a ser-lhes útil e prestável, tinham a incômoda sensação de que as tinha usado como trampolim para a sua escalada social e receavam estar perante um *snob*. Claro que o era. Um *snob* colossal. Um *snob* sem vergonha. Capaz de suportar qualquer afronta, ignorar qualquer gesto de rejeição, engolir qualquer indelicadeza para ser convidado para uma festa a que quisesse ir ou para conhecer alguma viúva velha e rabugenta com um nome sonante. Era verdadeiramente incansável. Depois de fixar o olhar na sua presa, perseguia-a com a persistência de um botânico que se expõe ao perigo de cheias, tremores de terra, febres e indígenas hostis só para poder encontrar uma orquídea rara. A guerra de

1914 trouxe-lhe o último golpe de sorte. Quando a guerra rebentou, alistou-se num corpo de ambulâncias e serviu primeiro na Flandres e depois em Argonne; regressou passado um ano com uma fita vermelha na lapela, conseguindo, assim, assegurar um posto na Cruz Vermelha de Paris. Por essa altura já se encontrava em excelente situação financeira e contribuía generosamente para as obras de caridade apadrinhadas por pessoas de renome. Estava sempre pronto a colaborar com o seu gosto requintado e a sua capacidade de organização em qualquer festa de beneficência que fosse amplamente publicitada. Tornou-se membro dos dois clubes mais selectivos de Paris. Era *ce cher Elliott* para as senhoras mais importantes da sociedade francesa. Finalmente vencera.

3

Quando conheci Elliott, eu era apenas um jovem autor como outro qualquer e ele não me deu a mínima importância. Porém, ele nunca esquecia um rosto e quando me cruzava com ele por aqui e por ali apertava-me cordialmente a mão sem, no entanto, demonstrar vontade de aprofundar o conhecimento; e se por acaso o encontrasse na ópera e ele estivesse, digamos, na companhia de uma pessoa de alto gabarito, era capaz de fingir que nem me via. Foi então que alcancei inesperado sucesso como dramaturgo e depressa me apercebi de que Elliott passara a olhar-me com mais consideração. Um dia recebi um bilhete seu a convidar-me para almoçar no Claridge, onde ficava instalado sempre que vinha a Londres. Tratava-se de um almoço informal, com poucos convidados, e percebi que estava a experimentar-me. Porém, daí em diante, e uma vez que o sucesso me trouxe muitos amigos novos, comecei a encontrá-lo com mais frequência. Pouco depois fui passar algumas semanas a Paris, no Outono, e encontrei-o em casa de um amigo comum. Perguntou-me onde estava instalado e passados um ou dois dias recebi novo convite para almoçar, desta vez em sua casa. Quando cheguei, fiquei surpreendido ao ver que se tratava de um almoço de bastante cerimónia. Não pude deixar de rir intimamente. Sabia que Elliott, com o seu apurado sentido das relações sociais, tinha percebido que, como escritor, eu não era tido em grande conta na sociedade inglesa,

mas que o mesmo não acontecia em França, onde um escritor tem prestígio só pelo facto de o ser. Nos anos que se seguiram a nossa convivência tornou-se bastante próxima, sem nunca, no entanto, se transformar em amizade. Duvidava que fosse possível Elliott Templeton ser amigo de alguém. Nada mais lhe interessava nas pessoas a não ser a sua posição social. Quando por casualidade eu estava em Paris, ou ele em Londres, continuava a convidar-me para as suas recepções sempre que precisava de um elemento masculino sem par ou era obrigado a convidar americanos em viagem pela Europa. Suspeitava que alguns eram antigos clientes seus e outros meros desconhecidos que lhe eram enviados com cartas de apresentação. Esses eram a sua cruz. Sentia que tinha de fazer alguma coisa por eles e, no entanto, não lhe apetecia nada misturá-los com os seus amigos importantes. Claro que a melhor maneira de se livrar deles era convidá-los para jantar e a seguir levá-los ao teatro. Mas isso tornava-se muitas vezes difícil, umas porque tinha compromissos todas as noites nas três semanas seguintes e outras porque tinha o pressentimento de que os ditos convidados não iriam dar-se por satisfeitos com tão pouco. Sendo eu escritor, e ainda por cima de pouca nomeada, não lhe custava nada falar-me dos seus problemas nesta matéria.

— As pessoas na América são mesmo levianas na forma como distribuem cartas de apresentação. Não que eu não tenha muito prazer em receber as pessoas que me são recomendadas, mas realmente não vejo por que razão devo impô-las aos meus amigos.

Depois procurava contrabalançar um pouco as coisas enviando-lhes grandes *corbeilles* de rosas e enormes caixas de bombons, mas por vezes tinha de fazer algo mais. Foi então que, numa atitude algo ingénua depois do que me tinha contado, me convidou para ir à recepção que estava a organizar.

— Elas querem tanto conhecê-lo — escreveu ele para me lisonjear. — A Sra. D. Fulana de Tal é muito culta e já leu tudo o que você escreveu.

A dita Sra. D. Fulana de Tal dir-me-ia depois o quanto tinha gostado do meu livro *Mr Perrin e Mr Traill* e dar-me-ia os parabéns pela minha peça *O Molusco*. O primeiro foi escrito por Hugh Walpole e a segunda por Hubert Henry Davies.

Se eu tiver dado ao leitor a impressão de que Elliott Templeton era um ser desprezível ter-lhe-ei feito uma injustiça.

Ele era, numa palavra, aquilo que os Franceses chamam *serviable*, um termo para o qual, tanto quanto sei, não existe equivalente exacto em inglês. O dicionário diz-me que *serviceable* (serviçal), no sentido de prestável, atencioso e solícito, é um arcaísmo. Pois era exactamente isso que ele era. Era generoso e, apesar de no início da sua carreira ter sem dúvida inundado de flores, bombons e presentes as pessoas que ia conhecendo, continuava a fazê-lo mesmo quando já não era necessário. Sentia prazer em dar. Recebia com hospitalidade. O seu cozinheiro era tão bom como os melhores de Paris e podíamos estar certos de ver surgir à nossa frente na sua mesa as primeiras novidades da época. O seu vinho comprovava a excelência do seu bom gosto. Se é verdade que os seus convidados eram escolhidos mais pela posição social do que pelo encanto pessoal, tinha sempre o cuidado de convidar pelos menos uma ou duas pessoas pelos seus dotes de comunicação, pelo que as suas recepções eram quase sempre animadíssimas. Muitos riam-se dele pelas costas e apodavam-no de *snob* nojento. No entanto, exultavam com os seus convites. O seu francês era fluente e correcto e a pronúncia perfeita. Tinha-se esforçado ao máximo para falar como os ingleses e era preciso ter-se o ouvido muito apurado para se detectar de vez em quando a entoação americana. Era um bom conversador, desde que o assunto não fossem duques e duquesas, mas mesmo nesse domínio, agora que a sua posição era indiscutível, permitia-se ser espirituoso, especialmente quando estávamos a sós com ele. Tinha uma língua agradavelmente viperina e não havia escândalo em torno dessas ilustres personagens que não lhe chegasse aos ouvidos. Por ele fiquei a saber quem era o pai do último filho da Princesa X e quem era a amante do Marquês de Y. Acho que nem Marcel Proust sabia mais da vida íntima da aristocracia do que Elliott Templeton.

Quando eu estava em Paris, almoçávamos juntos com frequência, umas vezes no seu apartamento, outras no restaurante. Eu gostava de deambular pelas lojas de antiguidades, umas vezes para comprar, mas mais frequentemente só para olhar, e Elliott ficava sempre encantado em ir comigo. Era um conhecedor profundo das

coisas belas e nutria por elas verdadeiro amor. Penso que conhecia todas as lojas da especialidade em Paris e dava-se bem com todos os antiquários. Adorava regatear e, quando íamos juntos, dizia sempre:

— Se houver alguma coisa que lhe interesse, nem pense comprá-la sozinho. Limite-se a fazer-me sinal e deixe o resto comigo.

Exultava quando conseguia comprar alguma coisa de que eu gostava por metade do preço. Era um regalo vê-lo regatear. Era capaz de discutir, adular, apelar à bondade do vendedor, ridicularizá-lo, apontar os defeitos do objecto em causa, ameaçar nunca mais voltar a entrar aquela porta, suspirar, encolher os ombros, admoestar, dirigir-se para a porta com a fúria estampada no rosto e, quando finalmente conseguia chegar onde queria, abanava a cabeça tristemente, como se aceitasse a derrota com resignação. Depois segredava-me em inglês:

— Leve-a. Mesmo pelo dobro ainda seria barata.

Elliott era um católico fervoroso. Ainda não vivia há muito em Paris quando conheceu um abade muito famoso por trazer infiéis e heréticos de volta ao seio da Igreja, um homem que adorava jantar fora e era muito conhecido pela sua vivacidade de espírito. Limitava as suas obrigações sacerdotais aos ricos e aos aristocratas. Era inevitável que Elliott se sentisse atraído por um homem que, apesar das origens humildes, era muito bem recebido nas famílias mais ilustres, tendo confidenciado a uma americana muito rica, uma das mais recentes conversões do abade, que apesar de a sua própria família sempre ter pertencido à Igreja Episcopal, ele há muito que se interessava pela Igreja Católica. Então, daí a alguns dias, ela convidou Elliott para conhecer o abade num jantar só para os três, e o abade estava exuberante. A anfitriã encaminhou a conversa para o Catolicismo e o abade discorreu sobre o assunto com fervor, mas sem sinais de pedantismo, como um homem do mundo, se bem que padre, a falar com outro homem do mundo. Elliott sentiu-se lisonjeado ao descobrir que o abade sabia tudo a seu respeito.

— A duquesa de Vendôme falou-me de si no outro dia. Disse-me que o considerava extremamente inteligente.

Elliott corou de prazer. Já tinha sido apresentado a Sua Alteza Real, mas nunca imaginara que ela pensasse sequer nele uma segunda vez. O abade falava da fé com sabedoria e benignidade; tinha uma mente aberta, um ar moderno e era tolerante. Fazia a Igreja parecer,

aos olhos de Elliott, um clube selectivo ao qual qualquer homem bem-nascido devia a si mesmo o dever de pertencer. Seis meses mais tarde Elliott estava a ser recebido nesse clube. A sua conversão, aliada à generosidade demonstrada nos seus donativos para instituições de caridade católicas, abriu-lhe algumas portas que anteriormente lhe tinham sido fechadas.

Podia ser que os motivos que o levaram a abandonar a fé dos seus pais fossem confusos, mas não podiam restar dúvidas sobre a sua devoção ao fazê-lo. Ia à missa todos os domingos, à igreja frequentada pelas melhores famílias, confessava-se com regularidade e fazia visitas periódicas a Roma. Com o passar dos anos foi recompensado pela sua piedade ao ser feito camareiro do Papa e a assiduidade com que desempenhava tais funções foi recompensada, creio eu, com a ordem do Santo Sepulcro. Na verdade, a sua carreira como católico não teve menos sucesso do que a sua carreira como *homme du monde*.

Muitas vezes me pus a cogitar no que levaria aquele homem tão inteligente, tão simpático e tão culto a ser tão *snob*. Ele não era um arrivista. O pai fora reitor de uma das universidades do Sul e o avô um teólogo de certo gabarito. Elliott era demasiado inteligente para não perceber que a maioria das pessoas que aceitavam os seus convites o faziam apenas para conseguirem uma refeição de graça e que algumas eram estúpidas e outras não valiam nada. Porém, o fascínio dos seus títulos sonantes deixava-o cego perante os seus defeitos. A única explicação que me ocorre é que estabelecer relações de íntima familiaridade com estes cavalheiros de antiga linhagem e ser o fiel servidor das suas esposas lhe dava uma insaciável sensação de triunfo. Creio mesmo que por detrás de tudo isso se escondia um romantismo exacerbado que o levava a ver no duque francês baixinho e enfezado o cruzado que partira com São Luís para a Terra Santa, e no conde inglês fanfarrão e caçador de raposas inveterado o antepassado que acompanhara Henrique VIII ao Camp du Drap d'Or. Na companhia de pessoas desta estirpe sentia-se transportado a um passado grandioso e imponente. Penso que, ao virar as páginas do *Almanach de Gotha*, o seu coração batia com fervor à medida que, um após outro, os nomes lhe iam trazendo à memória guerras passadas, cercos históricos e duelos famosos, intrigas diplomáticas e romances de amor da realeza. Era assim, afinal, Elliott Templeton.

Estava eu a preparar-me para o almoço para que Elliott me tinha convidado, quando ligaram da recepção a dizer que ele estava lá em baixo. Fiquei surpreendido, mas assim que fiquei pronto desci.

— Pareceu-me mais seguro vir buscá-lo — disse ele quando nos cumprimentámos. — Não sei se conhece bem Chicago.

Elliott tinha aquela ideia, que eu já tinha notado em alguns americanos que tinham vivido muitos anos no estrangeiro, de que a América era um local difícil, perigoso mesmo, onde um europeu não podia ser deixado entregue a si próprio.

— Ainda é cedo. Que tal se fizéssemos parte do caminho a pé? — alvitrou.

Soprava uma brisa fresca, mas não havia uma única nuvem no céu e era agradável esticar as pernas.

— Pensei que seria melhor falar-lhe da minha irmã antes de a conhecer — disse Elliott a certa altura. — Ela já esteve comigo em Paris uma ou duas vezes, mas julgo que você não estava lá nessa altura. Não se trata de um almoço importante, percebe? Apenas a minha irmã, a filha, a Isabel, e o Gregory Brabazon.

— O decorador? — perguntei.

— Sim, sim. A casa da minha irmã está um pavor e eu e a Isabel queremos que ela a remodele. Por sorte ouvi dizer que o Gregory estava em Chicago e consegui convencê-la a convidá-lo hoje para almoçar. Claro que ele não é um cavalheiro de raiz, mas tem bom gosto. Decorou o Castelo de Raney para a Mary Olifant e o de St. Clement Talbot para os St. Erths. A duquesa ficou encantada. Já vai ver a casa da Louisa. Como conseguiu viver ali todos estes anos é algo que nunca hei-de entender. Aliás, também nunca hei-de entender como consegue viver em Chicago.

Parecia que Mrs. Bradley era viúva e tinha três filhos, dois rapazes e uma rapariga, mas os filhos eram muito mais velhos e já estavam casados. Um era funcionário do governo, em comissão nas Filipinas, e o outro seguira a carreira diplomática, tal como o pai, e estava colocado em Buenos Aires. O marido de Mrs. Bradley tinha ocupado vários postos em várias partes do mundo e, depois de ter sido primeiro-secretário em Roma durante alguns anos, tinha sido

nomeado ministro para uma das repúblicas da costa ocidental da América do Sul e aí tinha morrido.

— Eu queria que a Louisa tivesse vendido a casa de Chicago quando ele morreu — prosseguiu Elliott — mas a casa tinha para ela grande valor sentimental. Já pertencia à família Bradley há muito tempo. Os Bradleys são uma das famílias mais antigas do Illinois. Vieram da Virgínia em 1839 e fixaram-se a cerca de cem quilómetros de Chicago. Ainda hoje são donos dessas terras. — Elliott hesitou por breves instantes e olhou para mim para ver como eu estava a assimilar todas estas informações. — O Bradley que aqui se instalou era, diria eu, aquilo que se pode chamar um lavrador. Não sei se sabe, mas por volta dos meados do século XIX, quando o Middle West começou a ser desbravado, um grande número de naturais da Virgínia, os filhos mais novos das famílias importantes, está a perceber, sentiram-se atraídos pelo fascínio do desconhecido e deixaram para trás a abundância do seu estado de origem. Chester Bradley, o pai do meu cunhado, viu que Chicago tinha futuro e abriu aqui um escritório de advogados. O certo é que fez dinheiro suficiente para deixar o filho bem amparado.

A atitude de Elliott, mais do que as suas palavras, dava a entender que o facto de o falecido Chester Bradley ter abandonado a imponente mansão e os vastos hectares de terra que tinha herdado para abrir um escritório de advocacia na cidade não tinha sido a melhor opção, mas o facto de ter acumulado uma fortuna compensava a escolha, pelo menos em parte. Elliott não tinha ficado nada contente quando, numa outra ocasião, Mrs. Bradley me mostrou algumas fotografias do que ela chamava o «sítio» deles no campo e pude ver uma modesta casa de madeira ao estilo colonial com um jardimzinho à volta, mas também com o celeiro, a vacaria e as pocilgas a meia dúzia de metros, tudo rodeado até perder de vista por desoladas planuras. Não pude deixar de pensar que Mr. Chester Bradley sabia bem o que queria quando abandonou aquele lugar para tentar a sua sorte na cidade.

Voltando ao dia do almoço, chamámos um táxi. Deixou-nos à porta de uma casa de arenito castanho, estreita e alta, a cuja porta se chegava por um lanço de escadas íngremes. Estava integrada numa fiada de casas numa transversal de Lake Shore Drive e a sua aparência, mesmo naquele dia claro de Outono, era tão pesada que nos

deixava a pensar como seria possível alguém ter qualquer tipo de relação afectiva com ela. A porta foi aberta por um mordomo preto, alto e entroncado, de cabelo branco, que nos conduziu à sala de visitas. Quando entrámos, Mrs. Bradley levantou-se da cadeira onde estava sentada e Elliott apresentou-me. No seu tempo devia ter sido uma mulher esbelta, pois as feições, ainda que largas, eram bonitas e os olhos encantadores. Porém, o rosto macilento, quase agressivamente desprovido de pintura, estava flácido e era visível que ela tinha perdido a batalha contra a corpulência própria da meia-idade. Constatei que se recusava a aceitar a derrota, pois quando se sentou manteve uma postura perfeitamente erecta numa cadeira de espaldar que certamente tornava a armadura cruel do espartilho mais suportável do que numa poltrona. Trazia um vestido azul excessivamente adornado, com uma gola alta com barbas de baleia para se manter rígida. Tinha um cabelo branco magnífico, frisado com ondulação marcel e elaboradamente penteado. O outro convidado ainda não tinha chegado e, enquanto esperávamos, fomos conversando sobre várias coisas.

— O Elliott disse-me que veio pela rota do Sul — disse Mrs. Bradley. — Parou em Roma?

— Sim, sim, passei lá uma semana.

— E como está a querida rainha Margarida?

Apanhado de surpresa pela pergunta, disse que não sabia.

— Oh, não foi visitá-la? Uma pessoa tão simpática. Foi encantadora connosco quando estivemos em Roma. Mr. Bradley era então primeiro-secretário. Por que não foi visitá-la? Não é como o Elliott, pois não, tão infame que nem pode entrar no Quirinal?

— De maneira nenhuma — retorqui, sorrindo. — A razão é que não a conheço.

— Não a conhece? — disse Mrs. Bradley, como se mal pudesse acreditar no que os seus ouvidos escutavam. — Como assim?

— Para lhe dizer a verdade, os escritores não costumam conviver com reis e rainhas.

— Mas ela é tão simpática — protestou Mrs. Bradley, como se fosse muito petulância da minha parte não conhecer tal figura da realeza. — Tenho a certeza de que ia gostar muito dela.

Neste momento a porta abriu-se e o mordomo anunciou Gregory Brabazon.

Gregory Brabazon, apesar do nome, não era uma criatura romântica. Era um homem baixo e obeso, careca como um ovo, salvo por um tufo de cabelo preto encaracolado que lhe contornava as orelhas e a nuca, com um rosto congestionado e sem barba que parecia prestes a estourar em camarinhas de suor, olhos cinzentos muito vivos, lábios sensuais e uma papada. Era inglês e eu já o tinha encontrado algumas vezes em Londres em festas boémias. Era muito jovial, muito caloroso e ria-se muito, mas não era preciso ser-se grande avaliador de carácter para saber que a sua ruidosa afabilidade era apenas a máscara de um astuto homem de negócios. Durante alguns anos fora o decorador mais famoso de Londres. Tinha uma voz ribombante e umas mãos pequenas e rechonchudas, maravilhosamente expressivas. Com gestos eloquentes e uma empolgada torrente de palavras, conseguia estimular a imaginação do cliente mais hesitante, de tal forma que era quase impossível não lhe entregar a encomenda que ele parecia estar a fazer o favor de aceitar.

O mordomo voltou a entrar na sala com uma bandeja com *cocktails*.

— Não vamos esperar pela Isabel — disse Mrs. Bradley pegando num copo.

— Onde está ela? — perguntou Elliott.

— Foi jogar golfe com o Larry. Disse que era capaz de chegar atrasada.

Elliott virou-se para mim e esclareceu:

— O Larry é o Laurence Darrell. Parece que ele e a Isabel estão noivos.

— Não sabia que apreciava *cocktails*, Elliott — disse eu.

— E não aprecio — respondeu ele, monocórdico, enquanto bebericava o que tinha na mão. — Mas, nesta terra bárbara cheia de proibições, o que se há-de fazer? — Suspirou. — Já começam a servi-los nalgumas casas de Paris. As más companhias estragam os bons costumes.

— Que disparate, Elliott — disse Mrs. Bradley.

Disse-o em tom afável, mas com uma determinação indiciadora de uma mulher de carácter e, pelo olhar que me dirigiu, divertido mas arguto, concluí que não tinha qualquer ilusão acerca dele. Muito gostava de saber o que ela pensava de Gregory Brabazon. Apercebi-me do olhar profissional que ele lançou à sala quando entrou e da

forma involuntária como tinha arqueado as sobrelhas farfalhudas. Era realmente uma sala de estarrecer. O papel de parede e o cretone dos cortinados e estofos tinham o mesmo padrão. Nas paredes havia quadros a óleo com pesadas molduras douradas, que os Bradleys tinham certamente comprado em Roma. Virgens da escola de Rafael, Virgens da escola de Guido Reni, paisagens da escola de Zuccarelli, ruínas da escola de Pannini. Havia troféus da comissão em Pequim, mesas em pau-preto ricamente trabalhadas, enormes jarrões *cloisonné* e as peças que tinham comprado no Chile e no Peru, obesas figuras de pedra e potes de faiança. Havia ainda uma escrivaninha Chippendale e uma vitrina com embutidos. Os *abat-jours* eram de seda branca e neles algum artista imprudente pintara pastores e pastoras com trajes de Watteau. Era horrenda, mas, não sei porquê, agradável. Tinha um ar acolhedor e sentia-se que vivia ali alguém e que toda aquela incrível misturada fazia sentido. Todos aqueles objectos incompatíveis tinham de estar juntos, porque todos eles faziam parte da vida de Mrs. Bradley.

Já tínhamos terminado os *cocktails* quando a porta se abriu de rompante para dar passagem a uma rapariga seguida de um rapaz.

— Estamos atrasados? — perguntou ela. — Trouxe outra vez o Larry. A comida chega para ele?

— Espero que sim — disse Mrs. Bradley com um sorriso. — Toca a campainha e diz ao Eugene para colocar mais um lugar à mesa.

— Foi ele que nos abriu a porta. Já lhe disse.

— Esta é a minha filha, a Isabel — disse Mrs. Bradley, virando-se para mim. — E este é Laurence Darrell.

Isabel deu-me um rápido aperto de mão e virou-se impetuosamente para Gregory Brabazon.

— O senhor é Mr. Brabazon? Estava louca para o conhecer. Adorei o que fez para a Clementine Dormer. Não acha que esta sala está horrível? Ando há anos a tentar convencer a minha mãe a fazer alguma coisa e agora que o senhor está aqui em Chicago é a nossa grande oportunidade. Diga-me sinceramente o que pensa de tudo isto.

Eu sabia que essa era a última coisa que Brabazon faria. Olhou de relance para Mrs. Bradley, mas o rosto dela, impassível, nada deixava transparecer. Percebeu então que Isabel era a pessoa que contava e rebentou em estrondosa gargalhada.

— Tenho a certeza de que é muito confortável e tudo isso — disse ele. — Mas se quer que fale sem rodeios, deixe-me dizer-lhe que está um pavor.

Isabel era uma rapariga alta, de rosto oval, nariz perfeito, olhos encantadores e lábios carnudos, o que parecia ser um traço de família. Era graciosa, mas a atirar para o roliço, o que eu atribuía à sua juventude, pois calculava que a silhueta fosse adelgaçando com o passar dos anos. Tinha umas mãos enérgicas e bonitas, mas um bocadinho gordas, tal como as pernas, que a saia curta deixava a descoberto. Tinha uma pele perfeita e ótimas cores, que o exercício ao ar livre e o regresso de descapotável haviam sem dúvida acentuado. Era exuberante e cheia de vida. Tudo nela era estimulante: a saúde radiosa, a alegria esfuziante, o prazer de estar viva, a felicidade que nela se adivinhava. Era tão natural que fazia Elliott, apesar de toda a sua elegância, parecer exageradamente pedante. E a sua frescura fazia Mrs. Bradley, com o rosto marcado e macilento, parecer velha e cansada.

Descemos para o almoço. Gregory Brabazon até piscou os olhos quando viu a sala de jantar. As paredes estavam forradas com papel vermelho escuro a imitar brocado e repletas de retratos, muito mal pintados, de homens e mulheres de semblante austero e sombrio, os antepassados do falecido Mr. Bradley. Ele também lá estava, com o seu farto bigode e todo empertigado, de sobrecasaca e colarinho branco engomado. Mrs. Bradley, pintada por um artista francês dos finais do século XIX, pontificava sobre o fogão de sala com um vestido de noite de cetim azul pálido, colar de pérolas e uma estrela de brilhantes no cabelo. Com uma mão carregada de anéis segurava uma echarpe de renda, pintada com tal minúcia que se conseguiam contar todos os pontos, e, com a outra, segurava negligente um leque de penas de avestruz. A mobília, de carvalho castanho escuro, era pesadíssima.

— O que pensa da mobília? — perguntou Isabel a Gregory Brabazon enquanto nos sentávamos.

— Tenho a certeza de que custou um dinheirão — respondeu ele.

— Se custou — disse Mrs. Bradley. — Foi-nos oferecida como presente de casamento pelo pai de Mr. Bradley. Acompanhou-nos por toda a parte. Lisboa, Pequim, Quito, Roma. A querida rainha Margarida admirava-a muito.

— O que faria o senhor se fosse sua? — perguntou Isabel a Brabazon; porém, sem lhe dar tempo a responder, foi Elliott que o fez por ele.

— Queimava-a.

Começaram os três a discutir como remodelariam a sala de jantar. Elliott era todo a favor do Luís XV; já Isabel preferia uma mesa de abas e cadeiras italianas. Brabazon achava que Chippendale se harmonizaria melhor com a personalidade de Mrs. Bradley.

— Para mim a personalidade de uma pessoa é sempre tão importante — disse ele. — E, virando-se para Elliott: — Claro que conhece a duquesa de Olifant.

— A Mary? É uma das minhas amigas mais íntimas.

— Quis que eu lhe decorasse a sala de jantar e no momento em que a vi disse imediatamente: Jorge II.

— E acertou em cheio. Reparei na nova decoração a última vez que lá jantei. Está perfeita.

E assim continuaram conversando. Mrs. Bradley ouvia-os com atenção, mas não se conseguia perceber o que pensava. Eu pouco disse e Larry, o noivo de Isabel, esqueci-me do apelido, não disse absolutamente nada. Estava sentado do outro lado da mesa, entre Brabazon e Elliott, e de vez em quando eu olhava-o de relance. Tinha um ar muito jovem. Era mais ou menos da altura de Elliott, cerca de um metro e oitenta, magro e desengonçado. Era um rapaz simpático, nem bonito nem feio, bastante tímido e sem nada de marcante. Achei deveras interessante que, não tendo dito, se bem me lembro, nem uma dúzia de palavras desde que chegara, parecesse perfeitamente à vontade e, curiosamente, parecesse participar da conversa sem sequer abrir a boca. Reparei nas suas mãos. Eram compridas, mas não grandes de mais para a sua altura, de linhas elegantes e, ao mesmo tempo, fortes. Pensei que qualquer pintor gostaria de as pintar. Era delgado, mas não frágil. Eu deveria ter dito, pelo contrário, que era vigoroso e resistente. O rosto, grave na sua serenidade, estava bronzeado; não fora isso e teria pouca cor; e as feições, apesar de bastante harmoniosas, eram banais. Tinha as maçãs do rosto muito salientes e as têmporas encovadas. O cabelo era castanho escuro e levemente ondulado. Os olhos pareciam maiores do que realmente eram, por estarem enterrados nas órbitas, e as pestanas eram longas e fartas. Os olhos eram peculiares, não da cor de avelã

que Isabel partilhava com a mãe e com o tio, mas tão escuros que a íris se fundia com a pupila, o que lhes conferia uma intensidade especial. Tinha uma graça natural que o tornava atraente e me ajudava a entender o que levava Isabel a apaixonar-se. De vez em quando o olhar dela pousava nele fugazmente e parecia-me entrever na sua expressão não só amor, mas também carinho. Os olhos de ambos encontravam-se e nos dele pressentia-se uma ternura linda de se ver. Não há nada mais tocante do que o amor entre os jovens e eu, homem de meia-idade, invejava-os, mas ao mesmo tempo, e sem saber porquê, tinha pena deles. Tolice minha, pois tanto quanto sabia não existia qualquer obstáculo à sua felicidade. As circunstâncias pareciam favoráveis e não havia razão para não casarem e viverem felizes para sempre.

Isabel, Elliott e Gregory Brabazon continuaram a falar sobre a rededicação da casa, tentando arrancar a Mrs. Bradley pelo menos um sinal de concordância de que alguma coisa tinha de ser feita, mas ela limitava-se a sorrir docemente.

— Não devem pressionar-me. Quero ter tempo para pensar no assunto. — E, virando-se para o jovem: — O que achas, Larry?

Ele olhou em volta com um sorriso nos olhos.

— Acho que de uma maneira ou de outra tanto faz.

— És mesmo estúpido, Larry — exclamou Isabel. — Eu disse-te para ficares do nosso lado e nos apoiares.

— Se a tia Louisa se sente bem assim, para quê mudar?

A sua pergunta ia de tal forma direita ao âmago da questão, e era tão sensata, que não contive o riso. Nesse momento ele olhou para mim e sorriu.

— E não te ponhas a sorrir só porque disseste uma coisa tão estúpida — disse Isabel.

Mas ele limitou-se a abrir ainda mais o sorriso, o que me permitiu ver que tinha uns dentes pequenos, brancos e regulares. Havia algo no olhar que lançou a Isabel que a fez corar e suster a respiração. A menos que eu estivesse muito enganado, ela estava loucamente apaixonada por ele, mas não sei o que foi que me deixou com a sensação de que o amor que sentia por ele tinha também algo de maternal — uma faceta inesperada numa rapariga tão jovem. Com um leve sorriso nos lábios, Isabel dirigiu novamente a atenção para Gregory Brabazon.

— Não ligue ao que ele diz. É parvo e completamente ignorante. Não sabe nada de nada a não ser voar.

— Voar? — perguntei.

— Foi aviador durante a guerra.

— Parece-me novo de mais para ter estado na guerra.

— Pois era. Novíssimo. E portava-se muito mal. Fugiu da escola e foi para o Canadá. Mentiu descaradamente, eles acreditaram que tinha dezoito anos e entrou para a Força Aérea. Estava a combater em França quando foi o armistício.

— Estás a aborrecer os convidados da tua mãe, Isabel — disse Larry.

— Conheço-o desde que nasci, e quando voltou vinha tão bonito naquele uniforme, com o dólman todo enfeitado com belos cordões, que me plantei à porta dele, por assim dizer, até ele concordar em casar comigo só para ter um pouco de paz e tranquilidade. A concorrência era terrível.

— Francamente, Isabel! — disse a mãe.

Larry inclinou-se na minha direcção.

— Espero que não acredite numa só palavra do que ela está a dizer. A Isabel não é má rapariga, mas é muito mentirosa.

O almoço terminou e pouco depois eu e Elliott viemo-nos embora. Antes do almoço tinha-lhe dito que queria ir ao museu ver os quadros e ele disse que me levava. Não gosto muito de ir a galerias ou museus acompanhado, mas também não se pode dizer que preferisse ir sozinho, pelo que aceitei a companhia. No caminho falámos sobre Isabel e Larry.

— É realmente encantador ver dois jovens tão apaixonados um pelo outro — disse eu.

— São jovens de mais para casar.

— Porquê? É tão divertido ser-se jovem, estar-se apaixonado e depois casar.

— Não seja ridículo. Ela tem dezanove anos e ele apenas vinte. E nem sequer tem emprego. Tem apenas um pequeno rendimento, três mil libras por ano, disse-me a Louisa, e é preciso ver que a Louisa não é rica. Precisa de tudo o que tem.

— Bem, ele pode arranjar emprego.

— O problema é esse. Ele nem sequer tenta. Parece muito satisfeito por não fazer nada.

— Não nos podemos esquecer de que passou um mau bocado na guerra. Talvez queira descansar um pouco.

— Está a descansar há um ano. Já é tempo suficiente.

— A mim pareceu-me bom rapaz.

— Ah, eu não tenho nada contra ele. Tem berço e tudo isso. O pai veio de Baltimore. Era assistente de Línguas Românicas em Yale ou coisa parecida. A mãe era natural de Filadélfia, da velha linhagem Quaker.

— Fala deles no passado. Já morreram?

— Sim, a mãe morreu de parto e o pai há cerca de doze anos. Ele foi educado por um velho amigo e colega de faculdade do pai que é médico em Marvin. Foi assim que a Louisa e a Isabel o conheceram.

— Onde fica Marvin?

— É onde os Bradleys têm a casa. A Louisa passa lá o Verão. Ela tinha pena do rapaz. O Dr. Nelson era solteiro e não fazia a mais pequena ideia de como educar uma criança. Foi a Louisa que insistiu para que o Larry fosse enviado para o colégio de St. Paul e trazia-o sempre para aqui durante as férias do Natal. — Elliott encolheu os ombros com indiferença. — Eu devia ter imaginado que ela previa este desfecho inevitável.

Entretanto tínhamos chegado ao museu e toda a nossa atenção se fixou nas obras de arte. Mais uma vez fiquei impressionado com os conhecimentos e o bom gosto de Elliott. Guiou-me por toda a sala como se eu, sozinho, fosse um grupo de turistas, e nenhum professor de arte teria palestrado de forma mais instrutiva do que ele. Decidido a voltar sozinho quando pudesse andar à minha vontade, acabei por me submeter. Passado algum tempo, ele olhou para o relógio.

— Vamos indo — disse. — Nunca passo mais de uma hora num museu. É o tempo que dura o poder de concentração de uma pessoa. Terminaremos num outro dia.

Agradei-lhe calorosamente quando nos separámos. Segui o meu caminho sentindo-me um homem mais sábio, sem dúvida, mas certamente desconsolado.

Quando estava a despedir-me de Mrs. Bradley, ela disse-me que, no dia seguinte, Isabel ia receber alguns amigos para jantar e que a seguir iriam dançar, pelo que, se eu aparecesse, poderia fazer companhia a Elliott depois de eles se irem embora.

— Seria um favor que lhe fazia — acrescentou. — Ele passou tanto tempo no estrangeiro que se sente bastante deslocado. Parece não conseguir encontrar ninguém com quem tenha algo em comum.

Aceitei e, antes de nos despedirmos na escadaria do museu, Elliott disse-me que estava muito contente por eu ter aceitado.

— Pareço uma alma penada nesta cidade gigantesca — disse ele. — Prometi à Louisa que passaria seis semanas aqui com ela, já não nos víamos desde 1912, mas estou a contar os dias que faltam para voltar para Paris. É o único lugar do mundo onde um homem civilizado pode viver. Meu caro, sabe como é que eles me vêem aqui? Vêem-me como um anormal. Bando de selvagens!

Ri-me e afastei-me.

6

Na noite seguinte, tendo recusado a oferta que Elliott me fez por telefone para me ir buscar, consegui chegar em segurança a casa de Mrs. Bradley. Tinha-me atrasado com uma visita inesperada e acabei por chegar depois da hora. Era tanto o barulho vindo da sala quando ia a subir a escada que pensei tratar-se de uma grande festa, e foi com surpresa que vi que havia apenas uma dúzia de pessoas, já contando comigo. Mrs. Bradley estava sumptuosa, vestida de cetim verde com uma gargantilha de pérolas de água doce, e Elliott, com o seu *smoking* de bom corte, estava elegantíssimo, como só ele sabia estar. Quando veio cumprimentar-me, as minhas narinas foram invadidas pelas fragrâncias de todos os perfumes da Arábia. Fui apresentado a um homem alto, corpulento e de faces coradas que parecia muito pouco à vontade em traje de cerimónia. Era um tal Dr. Nelson, mas naquele momento o nome não me disse nada. Os restantes convidados eram os amigos de Isabel, mas esqueci os seus nomes mal os ouvi. As raparigas eram jovens e bonitas e os rapazes jovens e apumados. Nenhum deles me causou especial impressão excepto um dos rapazes e apenas por ser demasiado alto e espadaúdo. Devia ter à vontade quase um metro e noventa e os seus ombros eram de descomunal envergadura. Isabel estava muito bonita, vestida de seda branca com uma saia comprida afunilada que lhe escondia as pernas gordas; o decote do vestido revelava uns seios bem desenvolvidos;

os braços, desnudos, eram ligeiramente gordos, mas o pescoço era lindo. Estava exuberante e os seus olhos belíssimos cintilavam. Não havia dúvida, era uma jovem muito bonita e desejável, mas era evidente que, se não tomasse cuidado, engordaria ao ponto de se tornar deselegante.

Ao jantar fiquei sentado entre Mrs. Bradley e uma jovencinha desajeitada e tímida que parecia ainda mais nova do que os outros. Quando nos sentámos, e para facilitar a conversa, Mrs. Bradley explicou-me que os avós dela viviam em Marvin e que ela e Isabel tinham andado juntas na escola. O nome dela, o único que ouvi dizer, era Sophie. A brincadeira era muita entre os dois lados da mesa, todos falavam o mais alto que podiam e ouviam-se sonoras gargalhadas. Pareciam conhecer-se todos muito bem. Quando não estava ocupado com a minha anfitriã, tentava trocar algumas palavras com a minha vizinha, mas sem grande sucesso. Era mais caladinha do que os outros. Não era bonita, mas tinha um rosto engraçado, com o narizinho arrebicado, a boca grande e os olhos azul esverdeados; o cabelo, penteado com simplicidade, era castanho muito claro, cor de areia. Era muito magra e tinha o peito quase tão liso como o de um rapaz. Ria-se das brincadeiras dos amigos, mas com um riso algo forçado, que indicava não estar tão divertida como pretendia fazer crer. Suspeitei que estava a fazer um grande esforço para aparentar alegria. Não conseguia perceber se ela era mesmo insípida ou apenas confrangedoramente tímida e, depois de ter experimentado vários temas de conversa que foram rapidamente postos de lado, e não me ocorrendo nada melhor para dizer, pedi-lhe que me dissesse quem eram todas aquelas pessoas sentadas à mesa.

— Bem, já conhece o Dr. Nelson — disse ela, apontando para o homem de meia-idade que estava à minha frente, do outro lado de Mrs. Bradley. — É o tutor do Larry. É o nosso médico em Marvin. É muito inteligente, inventa geringonças para aviões que nunca ninguém viu nem imaginou, e quando não está entretido com isso está a beber.

Enquanto falava, havia um brilho nos seus olhos pálidos que me fez suspeitar que havia nela algo mais do que a princípio eu tinha imaginado. Começou depois a dizer-me os nomes de cada uma das raparigas, dizendo-me quem eram os pais e, no caso dos rapazes, em que universidade tinham andado e o que faziam. Nada de muito esclarecedor.

— É uma querida. — Ou: — É um bom jogador de golfe.

— E quem é aquele rapagão de sobranceiras carregadas?

— Aquele? Ah, é o Gray Maturin. O pai dele tem um casarão à beira do rio, em Marvin. É o nosso milionário. Temos muito orgulho nele. Dá-nos classe. Maturin, Hobbes, Rayner e Smith. É um dos homens mais ricos de Chicago e o Gray é o seu único filho.

Enumerou a lista de nomes com tão agradável ironia que lhe lancei um olhar inquiridor. Ela apercebeu-se e corou.

— Conte-me mais coisas de Mr. Maturin.

— Não há nada para contar. É rico. E muito respeitado. Construiu-nos uma nova igreja em Marvin e doou um milhão de dólares à Universidade de Chicago.

— O filho é um rapaz muito bem-parecido.

— É simpático. Ninguém diria que o avô era um irlandês que vivia numa cabana e que a avó era uma criada de mesa sueca.

Gray Maturin era mais vistoso do que bonito. Tinha um ar tosco, inacabado; um nariz pequeno e achatado, uma boca sensual e umas faces coradas tipicamente irlandesas; uma farta cabeleira negra, muito lisa e, por baixo das sobranceiras carregadas uns olhos claros, azulíssimos. Apesar da sua elevada estatura, era muito bem-proporcionado e, sem roupa, devia ter uma bela figura. Era obviamente muito forte. A sua masculinidade era impressionante. Fazia com que Larry, sentado ao seu lado, e apesar de ter apenas menos nove ou dez centímetros, parecesse franzino.

— É requestadíssimo — disse a minha tímida companheira. — Conheço várias raparigas que fariam qualquer coisa, menos matar, para o caçarem. Mas não têm qualquer hipótese.

— Porquê?

— Não está mesmo a par de nada, pois não?

— Como poderia estar?

— Ele está tão apaixonado pela Isabel que não vê mais nada à sua frente, e a Isabel está apaixonada pelo Larry.

— E o que é que o impede de afastar o Larry do caminho?

— O Larry é o seu melhor amigo.

— Suponho que isso deve complicar as coisas.

— Complica quando se tem os elevados princípios que o Gray tem.

Não sabia bem se ela estava a falar a sério ou se havia na sua voz uma ponta de ironia. Os seus modos nada tinham de atrevido,

indiscreto ou insolente, mas fiquei com a impressão de que não lhe faltavam nem humor nem perspicácia. Tentei adivinhar o que ela estava realmente a pensar enquanto falava comigo, mas isso eu já sabia que nunca iria descobrir. Era óbvio que não se sentia muito segura de si e imaginei que seria filha única e que teria levado uma vida solitária entre pessoas bastante mais velhas. Havia nela uma modestia e uma discrição que eu considerava cativantes, mas se estava certo ao pensar que ela tinha vivido muito sozinha, também tinha a certeza de que, do seu canto, tinha observado muito bem as pessoas mais velhas com quem vivia e formado uma opinião muito sólida a seu respeito. Nós, os mais velhos, raramente suspeitamos da forma implacável, se bem que perspicaz, como os mais novos nos julgamos. Fixei de novo os seus olhos azul esverdeados.

— Que idade tem? — perguntei-lhe.

— Dezassete.

— Lê muito? — perguntei por perguntar.

Mas antes que ela pudesse responder, Mrs. Bradley, atenta aos seus deveres de anfitriã, desviou-me a atenção com um comentário qualquer e antes que pudesse desenhencilhar-me dela o jantar chegou ao fim.

Os mais jovens saíram todos de roldão lá para onde tinham de ir e nós os quatro, os que tínhamos ficado, subimos para a sala.

Fiquei admirado por ter sido convidado para este jantar, pois após uma curta conversa informal começaram a falar de um assunto que eu teria imaginado que prefeririam discutir a sós. Não conseguia decidir se seria mais discreto da minha parte levantar-me e sair ou se a minha qualidade de ouvinte único e desinteressado lhes poderia ser útil. O tema em discussão era a estranha falta de inclinação de Larry para o trabalho e tinha sido trazido à baila a propósito de uma oferta de Mr. Maturin, o pai do jovem que tinha estado no jantar, para trabalhar no seu escritório. Tratava-se de uma excelente oportunidade. Com competência e dedicação Larry poderia, com o tempo, vir a ganhar muito dinheiro. O jovem Gray Maturin estava desejoso que ele aceitasse.

Não me lembro bem de tudo o que foi dito, mas guardo na memória o essencial. Quando Larry voltara de França, o Dr. Nelson, seu tutor, sugerira que ele fosse para a universidade, o que ele tinha recusado. Era natural que quisesse simplesmente não fazer nada

durante algum tempo; tinha passado um mau bocado e tinha sido ferido duas vezes, se bem que com pouca gravidade. O Dr. Nelson achava que ele estava ainda a sofrer as consequências do choque traumático e parecia-lhe boa ideia que descansasse até estar totalmente recuperado. Mas as semanas transformaram-se em meses e agora já tinha passado mais de um ano desde que ele despira a farda. Parece que tinha tido um desempenho brilhante na Força Aérea e que depois de regressar se tinha tornado uma figura muito conhecida em Chicago, o que dera azo a várias ofertas de emprego por parte de grandes empresários. A todos agradecia, mas recusava, não apresentando qualquer justificação para além do facto de ainda não ter decidido o que queria fazer. Entretanto ficou noivo de Isabel. Este facto não constituiu surpresa para Mrs. Bradley, visto que durante anos eles tinham sido inseparáveis e ela sabia que Isabel estava apaixonada por Larry. Ela própria gostava bastante dele e estava convencida de que faria Isabel feliz.

— A personalidade dela é mais forte do que a dele. Ela pode dar-lhe exactamente aquilo que lhe falta a ele.

Apesar de serem ambos muito jovens, Mrs. Bradley pretendia que casassem o mais depressa possível, mas não concordava que o fizessem antes de Larry começar a trabalhar. Ele tinha algum dinheiro, mas mesmo que tivesse dez vezes mais ela teria continuado a insistir nesse ponto. Pelo que percebi, o que Mrs. Bradley e Elliott pretendiam do Dr. Nelson era saber quais as intenções de Larry e também queriam que ele usasse a sua influência para o obrigar a aceitar o emprego que Mr. Maturin lhe oferecera.

— Como sabem, eu nunca tive grande autoridade sobre o Larry — disse o Dr. Nelson. — Mesmo quando era pequeno seguia sempre o seu próprio caminho.

— Eu sei. O doutor deixou-o muito à solta. É uma sorte não ter degenerado.

O Dr. Nelson, que já tinha bebido bastante, lançou-lhe um olhar agastado e o seu rosto congestionado ficou ainda mais vermelho.

— Eu andava sempre muito ocupado. Tinha de tratar dos meus negócios. Tomei conta dele porque ele não tinha mais nenhum lugar para onde ir e o pai dele era meu amigo. Mas não era fácil lidar com ele.

— Não sei como pode dizer uma coisa dessas — replicou Mrs. Bradley, mordaz. — Ele tem tão bom feitio.

— O que é que se há-de fazer com um menino que nunca discute connosco, mas que faz exactamente o que lhe apetece e, quando perdemos a cabeça e nos zangamos, se limita a pedir desculpa e a deixar-nos a vociferar? Se fosse mesmo meu filho, podia bater-lhe. Mas eu não era capaz de bater num menino que não tinha ninguém no mundo e cujo pai o tinha deixado ao meu cuidado por achar que eu o trataria bem.

— Não é isso que está em causa — disse Elliott, um pouco irritado. — A questão é esta: ele já andou a mandriar por tempo suficiente; agora tem uma boa oportunidade de arranjar um bom emprego onde poderá ganhar muito dinheiro e, se quiser casar com a Isabel, tem de aceitar este emprego.

— Ele tem de perceber — disse Mrs. Bradley — que, da forma que o mundo está, um homem tem de trabalhar. Já está suficientemente recuperado e em boa forma. Todos nós sabemos que depois da nossa guerra civil houve homens que nunca mais mexeram uma palha depois de terem regressado da frente de batalha. Eram um fardo para as famílias e sem préstimo para a sociedade.

Foi então que eu intervim.

— Mas que justificação apresenta ele para recusar as várias ofertas que lhe fazem?

— Nenhuma. Excepto que não o atraem.

— Mas ele não quer fazer nada?

— Aparentemente não.

O Dr. Nelson serviu-se de mais um *whisky* com soda. Bebeu um longo gole e depois olhou para os seus dois amigos.

— Posso dar-vos a minha opinião? Não me considero grande conhecedor da natureza humana, mas em todo o caso, e ao fim de trinta e tal anos de prática, penso saber alguma coisa sobre ela. A guerra provocou uma mudança no Larry. Ele não voltou a mesma pessoa que era quando partiu. E não é só o facto de estar mais velho. Aconteceu alguma coisa que mudou a sua personalidade.

— Que tipo de coisa? — perguntei.

— Não faço ideia. Ele mostra-se muito reticente no que toca às suas experiências de guerra. — Virando-se para Mrs. Bradley, o Dr. Nelson perguntou: — Ele falou-lhe alguma vez nessas experiências, Louisa?

Ela abanou a cabeça.

— Não. Quando voltou, tentámos convencê-lo a contar-nos algumas das suas aventuras, mas ele limitou-se a rir com aquele jeito que ele tem e disse que não havia nada para contar. Nem sequer contou à Isabel. Ela bem tentou, mas não conseguiu arrancar-lhe uma palavra.

A conversa prosseguiu desta forma pouco satisfatória e a certa altura o Dr. Nelson, olhando para o relógio, disse que tinha de se ir embora. Preparava-me para sair com ele, mas Elliott insistiu para que ficasse. Depois de o Dr. Nelson ter saído Mrs. Bradley pediu desculpa por me incomodar com os seus assuntos e expressou o receio de eu me ter aborrecido.

— Mas há-de compreender que tudo isto é muito preocupante — concluiu.

— Mr. Maugham é muito discreto, Louisa; não precisas de ter receio de lhe contar seja o que for. Não me parece que o Bob Nelson e o Larry sejam muito chegados, mas há coisas que a Louisa e eu achámos melhor não mencionar.

— Elliott.

— Já lhe contaste tanto que bem podes contar o resto. Não sei se reparou no Gray Maturin ao jantar.

— Ele é tão grande que é impossível não reparar.

— É um dos pretendentes da Isabel. Durante todo o tempo que o Larry esteve ausente, ele rodeou-a de atenções. Ela gosta dele e se a guerra tivesse durado mais tempo talvez tivesse mesmo casado com ele. Ele pediu-a em casamento e ela não aceitou nem recusou. A Louisa acha que ela não quis tomar nenhuma decisão até o Larry voltar.

— E porque é que o Gray não foi para a guerra?

— Esforçou de mais o coração a jogar futebol. Nada de grave, mas o Exército não o aceitou. De qualquer forma, depois de o Larry ter voltado, ele deixou de ter qualquer hipótese. A Isabel recusou-o de vez.

Não sabendo o que esperavam que eu dissesse naquela circunstância, nada disse. Elliott continuou. Com a sua aparência distinta e a sua pronúncia de Oxford não podia parecer-se mais com um alto funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

— Claro que o Larry é um rapaz muito simpático e foi muito corajoso quando resolveu fugir para se alistar na Força Aérea, mas

eu sou um bom avaliador do carácter das pessoas... — esboçou um sorrisinho sub-reptício e fez a única referência que alguma vez lhe ouvi ao facto de ter feito fortuna a negociar em arte. — De outra forma não teria neste momento um bom pecúlio em títulos do tesouro. E a minha opinião é que o Larry nunca será ninguém. Não tem dinheiro que se veja nem posição. O Gray Maturin é um caso muito diferente. Tem um nome irlandês antigo e com tradição. Tiveram um bispo na família, um dramaturgo, vários militares condecorados e homens de letras.

— Como sabe tudo isso? — perguntei.

— É o tipo de coisa que se sabe — respondeu ele com indiferença. — Na realidade, eu estava no outro dia no clube a folhear o *Dictionary of National Biography* e dei de caras com esse nome.

Não achei que fosse da minha conta repetir o que a minha companheira de jantar me tinha dito sobre o irlandês que vivia numa cabana e sobre a empregada de mesa sueca que tinham sido, respectivamente, o avô e a avó de Gray. Elliott continuou.

— Todos nós conhecemos Henry Maturin há muitos anos. É um homem bom e muito rico. O Gray está a iniciar-se na melhor corretora de Chicago. Tem o mundo a seus pés. Quer casar com a Isabel e não se pode negar que, para ela, seria um bom partido. Eu próprio sou a favor desse casamento e sei que a Louisa também é.

— Tu passaste tanto tempo longe da América, Elliott — disse Mrs. Bradley, com um sorriso seco —, que te esqueceste que neste país as raparigas não casam só porque as mães ou os tios são a favor do casamento.

— Isso não é uma coisa de que nos possamos orgulhar, Louisa — disse Elliott, cortante. — Falando por trinta anos de experiência, posso dizer que um casamento combinado, tendo em atenção a posição, a fortuna e as restantes circunstâncias, tem muito mais vantagens do que um casamento por amor. Em França, que afinal de contas é o único país civilizado do mundo, a Isabel casaria com o Gray sem pensar duas vezes; e ao fim de um ou dois anos, se quisesse, faria do Larry seu amante; entretanto o Gray montaria um luxuoso apartamento a uma actriz famosa e todos viveriam perfeitamente felizes.

Mrs. Bradley, que não era tola, fitou o irmão com irónica satisfação.

— O único problema, Elliott, é que como as peças em cena em Nova Iorque só cá vêm fazer curtas temporadas, o Gray só podia ter esperança de manter as inquilinas do seu luxuoso apartamento por períodos muito variáveis. E certamente tudo isso seria muito desestabilizador para todas as partes intervenientes.

Elliott sorriu.

— O Gray poderia comprar uma cadeira na Bolsa de Nova Iorque. Afinal, se uma pessoa tem de viver na América, não vejo justificação para viver noutra sítio além de Nova Iorque.

Saí pouco depois, mas, antes de sair, Elliott perguntou-me não sei porquê se aceitava almoçar com ele e com os Maturins, pai e filho.

— O Henry é o exemplo perfeito do homem de negócios americano — disse ele. — Acho que devia conhecê-lo. Zelou pelos nossos investimentos durante muitos anos.

Eu não tinha interesse especial em aceitar, mas também não tinha razão para recusar, pelo que respondi que gostaria muito.

7

Durante a minha estada fiquei alojado num clube que possuía uma bela biblioteca e, na manhã seguinte, resolvi ir lá para dar uma vista de olhos a uma ou duas revistas da universidade, sempre difíceis de encontrar para quem não tem assinatura. Era cedo e só lá estava outra pessoa, sentada num grande cadeirão de couro, absorta a ler um livro. Fiquei surpreendido ao reparar que se tratava de Larry. Ele era a última pessoa que eu esperaria encontrar naquele lugar. Ergueu os olhos quando passei, reconheceu-me e fez menção de se levantar.

— Deixe-se estar — disse eu e, depois, quase automaticamente, perguntei: — O que está a ler?

— Um livro — respondeu, com um sorriso, mas um sorriso tão encantador que não pude considerar a recusa implícita na sua resposta de algum modo ofensiva.

Ele fechou o livro e, olhando-me com os seus olhos particularmente opacos, segurou-o de maneira a que eu não pudesse ver o título.

— Divertiu-se ontem à noite? — perguntei.

— Foi maravilhoso. Só cheguei a casa às cinco da manhã.

— É notável da sua parte estar aqui tão cedo e cheio de energia.

— Venho aqui muitas vezes. Normalmente a esta hora não há mais ninguém.

— Não vou incomodá-lo.

— Não me incomoda nada — disse ele, sorrindo de novo, e então reparei que tinha um sorriso de grande candura. Não era um sorriso cintilante, rasgado, mas um sorriso que lhe iluminava o rosto como uma luz vinda de dentro. Estava sentado num recanto formado por prateleiras salientes e ao lado havia outra cadeira. Colocou-me a mão no braço e disse: — Não se quer sentar por um minuto?

— Está bem.

Estendeu-me o livro que tinha na mão.

— É isto que ando a ler.

Olhei para o livro e vi que se tratava d'*Os Princípios de Psicologia*, de William James. É, naturalmente, uma obra de referência e relevante para a história da ciência em causa; é, além disso, de leitura excessivamente fácil; mas não é o tipo de livro que eu imaginasse ver nas mãos de um rapaz tão jovem, ainda por cima aviador, que tinha estado a dançar até às cinco da manhã.

— Por que motivo anda a ler isto? — perguntei.

— Porque sou muito ignorante.

— E também é muito jovem — respondi, sorrindo.

Ele manteve-se calado durante tanto tempo que comeci a achar o silêncio incómodo e estava prestes a levantar-me e a procurar as revistas que tinha vindo buscar. Tinha, porém, a sensação de que ele queria dizer-me mais alguma coisa. Fitava o vazio com uma expressão séria e concentrada, como se estivesse a meditar. Aguardei. Estava com curiosidade de saber o que seria. Quando começou a falar, foi como se tivesse retomado a conversa sem se aperceber de tão longo silêncio.

— Quando regresssei de França, eles queriam todos que eu fosse para a faculdade. Mas não fui capaz. Depois de tudo por que passei, senti que não podia regressar aos estudos. Além disso, não tinha aprendido nada no liceu. Senti que não conseguiria ser caloiro. Eles não iam gostar de mim e eu não queria representar um papel que não me assentava. Achava que os professores não iam ensinar-me o tipo de coisas que eu gostava de aprender.

— Claro que nada disso me diz respeito — disse eu — mas estou convencido de que não seria exactamente assim. Julgo compreender o seu ponto de vista e até entendo que, depois de ter passado dois anos na guerra, fosse difícil ser aquela espécie de colegial glorificado que os rapazes costumam ser nos primeiros dois anos da universidade. Não posso acreditar que não gostassem de si. Não conheço muito bem as universidades americanas, mas julgo que os estudantes americanos não são muito diferentes dos ingleses, talvez um pouco mais barulhentos e um pouco mais propensos à graçola, mas de um modo geral são rapazes muito decentes e sensatos, e estou certo de que se não desejasse levar o mesmo tipo de vida que eles levam, com um pouco de tacto eles iam deixá-lo viver a sua vida. Nunca fui para Cambridge como os meus irmãos. Tive essa oportunidade, mas recusei-a. Queria correr mundo. Sempre me arrependi dessa decisão. Penso que teria evitado muitos erros. Aprende-se mais depressa sob a orientação de professores experientes. Se não temos quem nos guie, perdemos muito tempo a percorrer becos sem saída.

— Pode ser que o senhor tenha razão. Mas eu não me importo de errar. Pode ser que num desses becos sem saída encontre alguma coisa que satisfaça os meus objectivos.

— Quais são os seus objectivos?

Ele hesitou um momento.

— Esse é o problema. Ainda não sei ao certo.

Fiquei em silêncio, pois parecia-me não haver nada a responder. Eu, que desde muito cedo sempre tivera um objectivo muito claro e definido à minha frente, senti que estava prestes a perder a paciência, mas controlei-me; sentia, e a isso posso apenas chamar de intuição, que no espírito daquele jovem se travava uma luta confusa, embora eu não soubesse dizer se entre ideias mal elaboradas ou emoções pouco sentidas, uma luta que lhe causava uma inquietação que o impelia não sabia para onde. Ele despertava estranhamente a minha simpatia. Até aí nunca o ouvira falar muito e só agora reparava como a sua voz era melodiosa. E tão persuasiva. Como um bálsamo. Quando reflecti sobre isso, sobre o seu sorriso encantador e a expressividade daqueles olhos muito negros, facilmente percebi por que razão Isabel estava apaixonada por ele. Havia de facto nele algo de cativante, de amável. Ele virou a cabeça e olhou-me, não com timidez, mas com um olhar que era simultaneamente escrutinador e divertido.

— Estarei certo ao pensar que depois de termos saído todos para dançar ontem à noite estiveram a falar de mim?

— Durante parte do tempo.

— Penso que foi por isso que insistiram tanto com o tio Bob para ir jantar. Ele detesta sair.

— Parece que você recebeu uma excelente proposta de trabalho.

— Um emprego maravilhoso.

— Vai aceitar?

— Penso que não.

— Porquê?

— Porque não quero.

Estava a meter-me num assunto que não me dizia respeito, mas fiquei com a ideia de que, pelo simples facto de eu ser oriundo de um país estrangeiro, ele não se sentia mal em conversar comigo sobre o assunto.

— Bem, você sabe que, quando as pessoas não têm jeito para mais nada, se tornam escritores — disse eu, rindo à socapa.

— Não possuo talento para tal.

— Nesse caso, diga-me: o que deseja fazer?

— Nada — respondeu ele, oferecendo-me o seu sorriso radioso, fascinante.

Não pude deixar de rir.

— Nunca teria imaginado que Chicago fosse o local ideal para fazer tal coisa — disse eu. — Ora bem, vou deixá-lo com a sua leitura. Quero dar uma vista de olhos à *Yale Quarterly*.

Levantei-me. Quando saí da biblioteca, Larry continuava absorto no livro de William James. Almocei sozinho no clube e, como a biblioteca era um local tranquilo, voltei lá para fumar o meu charuto habitual e passar uma ou duas horas a ler e a escrever cartas. Fiquei surpreendido ao ver Larry ainda mergulhado na leitura. Parecia que não se tinha mexido desde que eu de lá saíra. E lá continuava quando, pelas quatro horas, me fui embora. Tanto poder de concentração deixava-me perplexo. Ele não tinha dado nem pela minha entrada nem pela minha saída. Eu tinha várias coisas para fazer durante a tarde e só regresssei a Blackstone quando já eram horas de trocar de roupa para o jantar a que tinha de ir. No regresso fui tomado de um impulso de curiosidade. Passei no clube uma vez mais e fui à biblioteca. Estava lá muita gente, a ler os jornais e não

só. Mas Larry continuava sentado no mesmo cadeirão, concentrado no mesmo livro. Que coisa estranha!

8

No dia seguinte, Elliott convidou-me para almoçar em Palmer House para conhecer os Maturins, pai e filho. Éramos apenas quatro. Henry Maturin era um homem bem constituído, quase tão alto como o filho, de rosto corado e bochechudo e uma grande papada, e possuía o mesmo nariz achatado e agressivo, mas os seus olhos eram mais pequenos do que os do filho, não tão azuis, mas muito, muito perspicazes. Embora não pudesse ter muito mais de cinquenta anos, parecia dez anos mais velho e o cabelo, a ficar ralo, era branco como a neve. À primeira vista não era simpático. Tinha aquele ar de quem se sente dono do mundo e fiquei com a impressão de ser um homem competente, espertíssimo e brutal que, em matéria de negócios, seria impiedoso em todas as ocasiões. A princípio falou muito pouco e apercebi-me de que estava a avaliar-me. Não pude deixar de perceber que, para ele, Elliott não passava de um palhaço. Gray, simpático e educado, manteve-se no mais absoluto silêncio e o almoço teria sido penoso se Elliott, com o seu tacto apurado, não se tivesse encarregado de manter uma conversa fluente e informal. Calculei que tivesse adquirido no passado uma experiência razoável ao lidar com os homens de negócios do Middle West, que tinham de ser adulados para pagarem um preço exorbitante por um quadro de um velho mestre. A partir de certa altura Mr. Maturin começou a sentir-se um pouco mais à vontade e fez um ou dois comentários que faziam crer que era mais inteligente do que parecia e tinha realmente um sentido de humor algo mordaz. Durante algum tempo a conversa deambulou por títulos e acções. Eu deveria ter ficado surpreendido ao descobrir que Elliott tinha um conhecimento profundo do assunto, se há muito não soubesse que, apesar de todos os disparates que dizia, ele não era nenhum imbecil. Foi então que Mr. Maturin comentou:

— Recebi esta manhã uma carta do amigo do Gray, o Larry Darrell.

— Não me disse nada, pai — comentou Gray.

Mr. Maturin voltou-se para mim.

— Conhece o Larry, não conhece? — Acenei afirmativamente.
— O Gray convenceu-me a levá-lo para a minha firma. Eles são grandes amigos. O Gray acha-o fantástico.

— O que é que ele diz, pai?

— Agradece-me. Diz que compreende que é uma oportunidade excelente para um jovem como ele, que reflectiu bastante sobre o assunto e chegou à conclusão de que iria ser para mim uma desilusão e, portanto, acha melhor recusar.

— Isso é uma estupidez da parte dele — disse Elliott.

— De facto — disse Mr. Maturin.

— Lamento muito, pai — disse Gray. — Teria sido fantástico se pudéssemos trabalhar juntos.

— Pode levar-se o cavalo à água, mas não se pode obrigá-lo a beber.

Mr. Maturin olhou para o filho enquanto debitava o dito popular e os seus olhos argutos suavizaram-se. Compreendi que existia uma outra faceta no homem de negócios implacável; amava incondicionalmente este latagão que era seu filho. Voltou-se para mim uma vez mais.

— Sabe que este rapaz fez o nosso percurso com dois abaixo do par no domingo? Venceu-me no sétimo e no sexto. Eu estava capaz de lhe estourar os miolos com o taco. E pensar que eu próprio o ensinei a jogar golfe.

Todo ele rebentava de orgulho. Comecei a gostar dele.

— Tive muita sorte, pai.

— Nada disso. Chamas sorte quando se sai dum *bunker* e se coloca a bola a quinze centímetros do buraco? Trinta e dois metros, aquela tacada, e olhem que não devo errar nem por um centímetro. Quero que ele participe no campeonato amador no próximo ano.

— Não devo ter tempo para isso.

— Sou o teu patrão, não sou?

— Então eu não sei! O barulho que o pai faz se chego um minuto atrasado ao escritório.

Mr. Maturin deu uma gargalhada.

— Ele está a tentar transformar-me num tirano — disse-me ele.
— Mas não acredite. A minha firma sou eu, os meus sócios não prestam para nada, e eu tenho muito orgulho nela. O meu rapaz começou por baixo e conto que ele trabalhe tanto para merecer as

promoções como qualquer outro jovem que eu contrate, para estar bem preparado quando chegar a hora de me substituir. É uma grande responsabilidade, um negócio como o meu. Tomo conta dos investimentos de alguns dos meus clientes há mais de trinta anos e eles confiam em mim. Para lhe dizer a verdade, prefiro perder o meu dinheiro a vê-los perder o deles.

Gray riu-se.

— Noutro dia, quando uma velha amiga nossa veio ao escritório para investir mil dólares num esquema arriscado que o padre lhe recomendara, ele recusou-se a fazer o que ela queria e, quando ela insistiu, deu-lhe tal reprimenda que ela saiu de lá a chorar. E depois telefonou ao tal padre e deu-lhe também uma reprimenda.

— As pessoas dizem muito mal de nós, os corretores, mas há corretores e corretores. Eu não quero que as pessoas percam dinheiro, quero que o ganhem; mas da forma como a maioria deles age, até parece que o seu único objectivo na vida é limpá-las até ao último cêntimo.

— Então, o que achou dele? — perguntou-me Elliott enquanto nos afastávamos depois de os Maturins nos terem deixado para regressar ao escritório.

— Fico sempre satisfeito por conhecer tipos novos. Achei muito comovente a afeição mútua entre pai e filho. Isso não é tão comum em Inglaterra.

— Ele adora aquele rapaz. É uma mistura estranha, aquele homem. O que ele disse sobre os clientes era totalmente verdade. Tem entre os seus clientes centenas de senhoras, militares reformados e sacerdotes e zela pelas suas poupanças. Eu estaria tentado a pensar que eles não valem o trabalho que lhe dão, mas ele sente orgulho na confiança que nele depositam. No entanto, quando tem um grande negócio em mãos e se vê confrontado com interesses poderosos, não há homem mais duro nem mais implacável. Nessas alturas não conhece misericórdia. Quer o seu quinhão e não há nada nem ninguém que o impeça de o conseguir. Envolve-se em negócios contra ele e ele trata de o arruinar e ainda se fica a rir.

Ao chegar a casa, Elliott disse a Mrs. Bradley que Larry recusara a oferta de Henry Maturin. Isabel tinha ido almoçar com umas

amigas e entrou quando ambos ainda conversavam sobre o assunto. Eles puseram-na ao corrente. Deduzi pelo relato da conversa feito por Elliott que ele se expressara com considerável eloquência. Embora não tivesse certamente mexido uma palha nos últimos dez anos e o trabalho através do qual conseguira adquirir uma vida confortável estivesse longe de ser árduo, possuía a firme convicção de que o espírito de iniciativa era essencial ao desenvolvimento da humanidade. Larry era um rapaz perfeitamente vulgar, sem nenhuma importância social, e não havia razão plausível para não se adaptar aos bons costumes do seu país. Era evidente para um homem tão perspicaz como Elliott que a América estava prestes a entrar num período de grande prosperidade como nunca antes conhecera. Larry tinha a oportunidade de entrar para o patamar inferior, mas, se continuasse a trabalhar com afinco, poderia perfeitamente ser multimilionário quando chegasse aos quarenta anos. Se se quisesse reformar nessa altura e viver à grande, em Paris, por exemplo, e ter um apartamento na avenue du Bois e um *château* na Touraine, ele (Elliott) não teria nada a opor. Mas Louisa Bradley era mais sucinta e intransigente.

— Se ele te amar, deverá estar preparado para te sustentar.

Não sei o que Isabel respondeu a tudo isto, mas era suficientemente sensata para perceber que a mãe e o tio tinham a razão do seu lado. Todos os jovens seus conhecidos ou estavam a estudar com vista a abraçarem uma profissão ou já estavam a labutar num escritório. Larry não poderia esperar passar o resto da vida à sombra de uma folha de serviços distinta da Força Aérea. A guerra terminara e toda a gente estava farta dela e ansiosa apenas por esquecê-la o mais depressa possível. Da discussão resultou que Isabel concordou em pôr o assunto em pratos limpos com Larry. Mrs. Bradley sugeriu que Isabel lhe pedisse para ele a levar até Marvin. Ela queria encomendar umas cortinas novas para a sala, mas tinha-se enganado a tirar as medidas e agora queria que Isabel as tirasse de novo.

— O Bob Nelson dá-vos o almoço — disse ela.

— Tenho um plano melhor — disse Elliott. — Prepara-lhes um cesto de piquenique e eles que almocem no alpendre. E depois do almoço podem conversar à vontade.

— Isso seria divertido — disse Isabel.

— Existem poucas coisas tão agradáveis como fazer um piquenique com todo o conforto — acrescentou Elliott, sentencioso.

— A velha duquesa d’Uzès costumava dizer-me que é assim que os homens mais teimosos se tornam dóceis a qualquer sugestão. O que lhes vais preparar para o almoço?

— Ovos recheados e sanduíches de frango.

— Que disparate. Não se pode fazer um piquenique sem *pâté de foie gras*. Deves dar-lhes camarões com caril para entrada, depois uma galantina de peito de frango com salada de alface, para a qual eu próprio farei o molho, e depois do *pâté*, se quiseres, numa concessão aos teus hábitos americanos, tarte de maçã.

— Vou dar-lhes ovos recheados e sanduíches de frango, Elliott — disse Mrs. Bradley, inabalável.

— Pois então, ouve bem o que te digo, vai ser um fracasso e tu serás a única culpada.

— O Larry come muito pouco, tio Elliott — disse Isabel. — E julgo que nem sequer repara no que come.

— Espero que não penses que isso abona a seu favor, minha filha — retorquiu o tio.

Mas o que Mrs. Bradley disse que eles iam levar foi exactamente o que ela lhes mandou. Quando Elliott posteriormente me deu conhecimento do resultado do passeio, encolheu os ombros num gesto muito francês e comentou:

— Eu bem lhes disse que ia ser um fracasso. Implorei à Louisa que metesse no cesto uma garrafa de Montrachet que eu lhe enviara mesmo antes da guerra, mas ela não me deu ouvidos. Levaram um termos com café bem quente e nada mais. O que é que se poderia esperar?

Aparentemente, Louisa Bradley e Elliott estavam sentados sozinhos na sala de estar quando ouviram o carro parar à porta e Isabel entrar em casa. Tinha acabado de anoitecer e os cortinados estavam corridos. Elliott repousava numa poltrona perto da lareira a ler um romance e Mrs. Bradley bordava uma tapeçaria que serviria para decorar a protecção da lareira. Isabel não entrou na sala, seguindo directamente para o quarto, no andar superior.

Elliott olhou para a irmã por cima dos óculos.

— Calculo que tenha ido tirar o chapéu. Ela já desce — disse Mrs. Bradley.

Mas Isabel não descia. E os minutos passavam.

— Talvez esteja cansada. Se calhar foi-se deitar.

— Não seria de esperar que o Larry entrasse também?

— Não sejas irritante, Elliott.

— Bem, o assunto diz-te respeito a ti, não a mim.

Elliott retomou a leitura e Mrs. Bradley continuou a bordar. Mas passada meia hora levantou-se de repente.

— Acho que talvez seja melhor ir lá acima ver se ela está bem. Se estiver a descansar, não a incomodo.

Saiu da sala, mas regressou muito pouco tempo depois.

— Estava a chorar. O Larry vai para Paris. Vai estar ausente durante dois anos. E ela prometeu esperar por ele.

— Por que é que ele quer ir para Paris?

— Não adianta fazeres-me perguntas, Elliott. Eu não sei. Ela não me contou nada. Diz que compreende e que não vai ser um obstáculo no caminho dele. Eu disse-lhe: «Se ele está pronto para te deixar durante dois anos, não te deve amar muito.» «Não posso fazer nada para o evitar», respondeu ela. «O que importa é que eu o amo muito.» «Mesmo depois do que aconteceu hoje?», perguntei-lhe. «O que aconteceu hoje só me fez amá-lo ainda mais», respondeu ela. «E ele ama-me de verdade. Tenho a certeza.»

Elliott reflectiu por uns momentos.

— E o que acontecerá ao fim desses dois anos?

— Estou a dizer-te que não sei, Elliott.

— Não achas que é um desfecho muito pouco satisfatório?

— Muito pouco.

— Só há uma coisa a dizer: são muito novos. Não lhes fará mal nenhum esperar dois anos, e entretanto muita coisa pode acontecer.

Concordaram que seria melhor deixar Isabel em paz. Iam jantar fora nessa noite.

— Não quero aborrecê-la — disse Mrs. Bradley. — Se ela aparecesse com os olhos inchados, daria azo a comentários.

Mas, no dia seguinte, depois de almoçarem sozinhas, Mrs. Bradley tocou de novo no assunto. Mas pouco conseguiu arrancar de Isabel.

— Na verdade, não há muito mais a dizer do que já lhe contei, mãe — disse ela.

— Mas o que é que ele quer fazer em Paris?

Isabel sorriu, pois sabia quão ridícula a resposta soaria aos ouvidos da mãe.

— Nada.

— Nada? O que queres tu dizer com isso?

— Foi o que ele me disse.

— Francamente não tenho paciência para te aturar. Se tivesses um mínimo de coragem, tinhas rompido o noivado nesse preciso momento. Ele anda apenas a brincar contigo.

Isabel olhou para o anel que trazia na mão esquerda.

— O que hei-de fazer? Eu amo-o.

Foi então que Elliott entrou na conversa. Abordou o assunto com o seu famoso tacto, «não como se eu fosse seu tio, meu caro, mas como um homem do mundo dirigindo-se a uma jovem inexperiente», mas não obteve melhores resultados do que a mãe. Fiquei com a impressão de que ela lhe dissera, indubitavelmente de forma educada, mas peremptória, para não se meter onde não era chamado. Elliott contou-me tudo isto mais tarde, nesse mesmo dia, na pequena sala de estar que eu tinha em Blackstone.

— Claro que a Louisa tem toda a razão — acrescentou. — Tudo isto é muito desagradável, mas é o que acontece quando os jovens arranjam os seus próprios casamentos com base na atracção mútua e nada mais. Disse à Louisa para não se preocupar; penso que as coisas vão correr melhor do que ela imagina. Com o Larry fora do caminho e o jovem Gray Maturin a rondar a Isabel, bem, se eu conheço alguma coisa da natureza humana, o resultado será bastante óbvio. Quando se tem dezoito anos, as emoções são violentas, mas pouco duradouras.

— O seu conhecimento do mundo é interminável — disse eu, sorrindo.

— Não li o meu La Rochefoucauld para nada. Você sabe como é Chicago; irão encontrar-se a toda a hora. Uma rapariga sente-se lisonjeada por ter um homem que lhe é tão dedicado e, quando ela se aperceber de que qualquer uma das amigas daria tudo para casar com ele, bem, pergunto-lhe eu, está na natureza humana resistir à tentação de eliminar todos os rivais? Vejamos, é como ir a uma festa que se sabe de antemão que vai ser uma tremenda estopada, onde só haverá limonada e biscoitos; mas vamos na mesma, porque sabemos que os nossos melhores amigos seriam capazes de dar um braço para irem e não foram convidados.

— Quando é que o Larry parte?

— Não sei. Penso que a data ainda não está marcada. — Elliott tirou do bolso uma cigarreira de platina, fina e alongada, e extraiu um cigarro egípcio. Para ele não serviam *Fatimas*, *Chesterfields*, *Camels* ou *Lucky Strikes*. Olhou para mim com um sorriso carregado de insinuações. — É claro que eu não me daria ao trabalho de dizer isto à Louisa, mas a si não me importo de lhe dizer que sinto uma simpatia perversa pelo rapaz. Compreendo que tenha conhecido Paris de relance durante a guerra e não posso censurá-lo por ter ficado cativado pela única cidade do mundo digna de um homem civilizado. Ele é jovem e não tenho dúvidas de que quer dar umas escapadelas antes de assentar na vida de casado. Muito natural e muito conveniente. Irei mantê-lo debaixo de olho. Irei apresentá-lo às pessoas certas; o rapaz tem boas maneiras e com uma ou duas dicas da minha parte ficará bastante apresentável; posso garantir que lhe mostrarei um lado da vida francesa que muito poucos americanos têm a oportunidade de ver. Acredite no que lhe digo, meu caro amigo, o americano médio consegue entrar no reino dos céus muito mais facilmente do que no boulevard St. Germain. Ele tem vinte anos e muito charme. Julgo que lhe poderei arranjar uma ligação com uma mulher mais velha. Isso vai formá-lo. Penso sempre que não há melhor educação para um jovem do que tornar-se amante de uma mulher madura e, claro, se ela for o tipo de pessoa que tenho em mente, uma *femme du monde*, sabe como é, isso dar-lhe-á imediatamente uma posição em Paris.

— Falou dos seus planos a Mrs. Bradley? — perguntei a sorrir. Elliott riu baixinho.

— Meu caro amigo, se há coisa de que me orgulho é do meu tacto. Não, não falei. Ela, coitada, não iria entender. É uma das coisas que nunca compreendi na Louisa; embora tenha passado metade da vida nos meios diplomáticos, e corrido metade das capitais do mundo, permaneceu irremediavelmente americana.

9

Nessa noite fui jantar a um casarão de pedra, em Lake Shore Drive, que aparentava ter sido construído à semelhança de um castelo medieval, mas cujo arquitecto, mudando de ideias a meio da

construção, decidira transformar num chalé suíço. Havia muitos convidados e, ao entrar na ampla e sumptuosa sala de visitas, repleta de estatuetas, palmeiras, candelabros, quadros de velhos mestres e mobiliário em excesso, fiquei satisfeito ao ver que ali se encontravam pelo menos algumas pessoas conhecidas. Fui apresentado por Henry Maturin à sua esposa, uma senhora magra, frágil e macilenta. Cumprimentei Mrs. Bradley e Isabel. Isabel estava lindíssima, com um vestido de seda vermelha que combinava com o seu cabelo escuro e os grandes olhos de avelã. Parecia muito bem-disposta e ninguém diria que tinha passado tão recentemente por uma experiência devastadora. Conversava alegremente com dois ou três jovens que a rodeavam, entre eles Gray. Durante o jantar ficou sentada numa outra mesa e não conseguia vê-la, mas mais tarde, quando nós, os homens, depois de nos alongarmos interminavelmente entre cafés, licores e charutos, regressámos à sala de visitas, tive oportunidade de falar com ela. Conhecia-a muito mal para lhe dizer directamente alguma coisa sobre o que Elliott me contara, mas tinha algo para lhe contar que por certo lhe agradaria.

— Vi o seu noivo no outro dia, no clube — comentei casualmente.

— Ah, sim?

Disse-o tão casualmente como eu havia feito, mas percebi que ficou alerta no mesmo instante. Os seus olhos tornaram-se mais atentos e pensei ter visto neles algo semelhante a apreensão.

— Estava a ler na biblioteca. Fiquei deveras impressionado com o seu poder de concentração. Estava a ler quando eu entrei, pouco depois das dez, continuava a ler quando regresssei depois do almoço e a ler estava quando voltei a passar por lá antes de sair para jantar. Creio que não se levantou daquele cadeirão durante uma boa parte dessas dez horas.

— O que estava ele a ler?

— *Os Princípios de Psicologia*, de William James.

Ela baixou os olhos e, por isso, não tive forma de saber até que ponto o que lhe dissera a afectara, mas fiquei com a impressão de que ficara simultaneamente intrigada e aliviada. Nesse momento o meu anfitrião chamou-me para uma partida de *bridge* e quando o jogo terminou já Isabel e a mãe se tinham ido embora.

Alguns dias mais tarde fui despedir-me de Mrs. Bradley e de Elliott. Encontrei-os sentados a tomar chá. Isabel entrou pouco depois de mim. Falámos sobre a minha viagem, já próxima, agradeci-lhes todas as amabilidades com que me cumularam durante a minha permanência em Chicago e, depois de uma pausa conveniente, levantei-me para me ir embora.

— Eu acompanho-o até à *drugstore* — disse Isabel. — Lembrei-me agora que preciso de comprar uma coisa.

As últimas palavras que Mrs. Bradley me disse foram: — Dê os meus cumprimentos e a minha amizade à querida rainha Margarida da próxima vez que estiver com ela, por favor.

Eu já tinha desistido de negar qualquer relacionamento com tão augusta senhora e respondi com desenvoltura que certamente o faria.

Quando chegámos à rua, Isabel olhou-me pelo canto do olho, sorridente.

— Acha que gostaria de tomar um *ice-cream soda*? — perguntou.

— Posso experimentar — respondi prudentemente.

Isabel não falou até chegarmos à *drugstore* e eu, nada tendo para dizer, também nada disse. Entrámos e sentámo-nos a uma mesa, numas cadeiras com costas e pernas de ferro forjado, extremamente desconfortáveis. Pedi dois *ice-cream sodas*. Havia poucas pessoas a fazer compras ao balcão e dois ou três casais sentados noutras mesas, mas entretidos com as suas conversas; podia dizer-se que, para todos os efeitos, estávamos sozinhos. Acendi um cigarro e aguardei, enquanto Isabel, com ar de plena satisfação, bebia por uma longa palhinha. Tive a impressão de que estava nervosa.

— Queria falar consigo — disse ela abruptamente.

— Calculei que quisesse — disse eu, com um sorriso.

Ela olhou-me, pensativa, por um ou dois segundos.

— Porque me contou aquilo acerca do Larry, anteontem, em casa dos Satterthwaites?

— Pensei que lhe pudesse interessar. Ocorreu-me que talvez não soubesse exactamente o que «fazer nada» significa para ele.

— O tio Elliott é um bisbilhoteiro incorrigível. Quando me disse que ia a Blackstone conversar consigo, eu sabia que lhe ia contar tudo.

— Eu já o conheço há muitos anos, sabe. Ele diverte-se imenso a falar da vida alheia.

— Isso é verdade — disse ela, com um sorriso. Mas durou apenas um instante. Logo me olhou fixamente e os seus olhos estavam muito sérios. — O que pensa do Larry?

— Só o vi três vezes. Parece-me muito bom rapaz.

— Só isso?

Notei uma ponta de angústia na sua voz.

— Não, não só. É-me difícil dizer; repare, eu conheço-o tão mal. É um rapaz atraente, naturalmente. Há nele algo de modesto, afável e gentil que é muito apelativo. E tem um grande autodomínio apesar de ser tão jovem. Não é nada parecido com os outros rapazes que aqui conheci.

Enquanto eu tentava, um tanto inabilmente, traduzir por palavras uma impressão que não se desenhava nítida na minha mente, Isabel não tirava os olhos de mim. Quando terminei, deu um pequeno suspiro, como se de alívio, e depois endereçou-me um sorriso encantador, quase malicioso.

— O tio Elliott diz que fica muitas vezes surpreendido com o seu poder de observação. Diz que a si quase nada lhe escapa, mas que o seu maior trunfo como escritor é o seu bom senso.

— Consigo pensar numa qualidade que seria bem mais valiosa — respondi secamente. — Talento, por exemplo.

— Sabe, eu não tenho ninguém com quem falar sobre este assunto. A minha mãe só consegue ver as coisas do ponto de vista dela. Quer assegurar o meu futuro.

— É natural, não é?

— E o tio Elliott só vê a perspectiva social da situação. Os meus amigos, os da minha geração, quero eu dizer, acham que o Larry é um fiasco, e isso magoa-me terrivelmente.

— Compreendo que sim.

— Não que eles não sejam simpáticos com ele. Ninguém consegue deixar de ser simpático com o Larry. Mas estão sempre a provocá-lo e ficam irritados por ele parecer não se importar. Ele só se ri. Sabe em que pé estão as coisas actualmente?

— Só sei o que o Elliott me contou.

— Posso contar-lhe exactamente o que aconteceu quando fomos a Marvin?

— Claro que sim.

Reconstruí o relato de Isabel em parte de memória e em parte com a ajuda da minha imaginação. Mas ela e Larry tiveram uma longa conversa e estou certo de que disseram bastante mais do que agora me proponho relatar. Suspeito, como sempre acontece nestas ocasiões, que não só disseram muita coisa irrelevante como repetiram as mesmas coisas vezes sem conta.

Quando Isabel acordou e viu que estava um belo dia, telefonou a Larry e pediu-lhe que a levasse a Marvin, dizendo-lhe que a mãe lhe pedira para lá ir fazer um recado. Ela própria teve o cuidado de juntar um termos com martinis ao termos com café que a mãe mandara Eugene colocar no cesto. O automóvel desportivo de Larry era uma aquisição recente e ele estava todo orgulhoso do seu bólido. Era um condutor exímio e a velocidade entusiasmava-os. Quando chegaram, Isabel, acompanhada de Larry para apontar as medidas, mediu os cortinados que iriam ser substituídos. Depois iniciaram o almoço no alpendre. Era abrigado do vento e o sol cálido daquele dia de Outono era uma dádiva de prazer. A casa, numa estrada de terra batida, não tinha a elegância das casas de madeira, ao estilo colonial, da Nova Inglaterra e o melhor que se podia dizer dela é que era espaçosa e confortável; da varanda tinha uma vista agradável para um grande estábulo vermelho de telhado negro, um pequeno bosque de árvores vetustas e, para lá delas e até onde a vista alcançava, o acastanhado dos campos. Era uma paisagem monótona, mas a luz do sol e os matizes fulgurantes do ano que se encaminhava para o final conferiam àquele dia uma beleza intimista. Havia na vastidão do espaço uma plenitude que se espraiava a perder de vista. Nem frio, ermo e melancólico como deveria ter sido no Inverno, nem seco, tórrido e opressivo como poderia ter sido no pino do Verão, o cenário era naquele preciso momento estranhamente estimulante, pois a amplitude das vistas convidava a alma à aventura.

Eles apreciaram o almoço como era natural em seres jovens e saudáveis, felizes por estarem juntos. Isabel serviu o café e Larry acendeu o cachimbo.

— Vá lá, minha querida, agora vai directa ao assunto — disse ele, com um sorriso travesso nos olhos.

Isabel foi apanhada desprevenida.

— Vou directa a que assunto? — perguntou com o ar mais inocente que conseguiu aparentar.

Ele deu uma gargalhada.

— Tomas-me por um perfeito idiota, querida? Se a tua mãe não sabia exactamente as medidas das janelas da sala, até sou capaz de comer já o meu chapéu. Não foi esse o motivo por que me pediste para te trazer até aqui.

Recuperando o autodomínio, ela lançou-lhe um sorriso radioso.

— Poderia ser porque achei divertido passarmos o dia juntos, só os dois.

— Poderia ser, mas não creio que seja essa a razão. Calculo é que o tio Elliott te tenha contado que recusei a oferta do Henry Maturin.

Ele falava num tom leve e jovial e ela achou conveniente continuar no mesmo tom.

— O Gray deve ter ficado terrivelmente desapontado. Ele achava fantástico ter-te no escritório. Tu vais ter de te decidir a começar a trabalhar algum dia e quanto mais tempo deixares passar, mais difícil se tornará.

Ele deu uma cachimbada e olhou para ela, sorrindo ternamente, um sorriso que ela não conseguia perceber se era a sério ou não.

— Sabes, eu tenho uma ideia de que quero fazer mais da minha vida do que apenas vender acções.

— Pois muito bem, então vai para um escritório de advocacia ou estuda medicina.

— Não, também não é isso que eu quero fazer.

— Então o que é que tu queres fazer?

— Nada — respondeu ele calmamente.

— Oh, Larry, não brinques. Isto é tremendamente sério.

A voz dela titubeava e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Não chores, minha querida. Não quero que fiques triste.

Ele foi sentar-se ao lado dela e abraçou-a. Havia na voz dele uma ternura que a enfraquecia e ela já não conseguia conter as lágrimas. Mas enxugou os olhos e forçou um sorriso.

— É muito fácil dizeres que não queres que eu fique triste. Mas tu é que me estás a pôr triste. Compreendes, eu amo-te.

— Eu também te amo, Isabel.

Ela deu um suspiro profundo. Em seguida, soltou-se do abraço dele e afastou-se.

— Sejam sensatos. Um homem tem de trabalhar, Larry. É uma questão de respeito por si próprio. Este país é jovem e é dever de cada homem participar nas suas actividades. O Henry Maturin ainda no outro dia disse que estávamos a iniciar uma era que iria fazer com que as realizações do passado parecessem ninharias. Disse que não conhecia limites para o nosso progresso e está convencido de que por volta de 1930 seremos o país mais rico e grandioso do mundo. Não achas isso terrivelmente emocionante?

— Terrivelmente.

— Nunca houve oportunidades assim para um jovem. Eu devia ter pensado que te orgulharias de participar no trabalho que nos espera. É uma aventura tão maravilhosa.

Ele riu-se, despreocupado.

— Atrevo-me a dizer que estás certíssima. Os Armours e os Swifts embalarão mais e melhor carne, os McCormicks farão mais e melhores ceifeiras mecânicas e o Henry Ford desenvolverá mais e melhores carros. E todos ficarão cada vez mais ricos.

— E porque não?

— Como tu mesma dizes, e porque não? Simplesmente o dinheiro não me interessa.

Isabel deu uma risadinha.

— Querido, não digas patéticos. Não se pode viver sem dinheiro.

— Eu tenho algum, e isso dá-me a oportunidade de fazer o que quero.

— Nada?

— Sim — respondeu ele, sorrindo.

— Estás a tornar tudo isto tão difícil para mim, Larry. — Isabel suspirou.

— Sinto muito. Não o faria se pudesse evitá-lo.

— Mas tu podes evitá-lo.

Ele abanou a cabeça. Ficou em silêncio por algum tempo, perdido em pensamentos. Quando finalmente falou foi para dizer algo que a alarmou.

— Os mortos têm um ar tão terrivelmente morto quando estão mortos.

— O que queres dizer exactamente com isso? — perguntou ela, perturbada.

— Isso mesmo. — Lançou-lhe um sorriso malicioso. — Tem-se muito tempo para pensar quando se está sozinho lá no alto. Ocorrem-nos ideias estranhas.

— Que tipo de ideias?

— Vagas — disse ele sorrindo. — Incoerentes. Confusas.

Isabel reflectiu durante algum tempo.

— Não achas que se arranjasses um emprego as ideias se esclareceriam e saberias em que pé te encontravas?

— Já pensei nisso. Tive a ideia de ir trabalhar numa carpintaria ou numa garagem.

— Oh, Larry, as pessoas iam pensar que estavas doido.

— E isso faria alguma diferença?

— Para mim faria.

Uma vez mais o silêncio instalou-se entre ambos. Foi ela quem o quebrou, dizendo com um suspiro:

— Estás tão diferente do que eras antes de ires para França.

— Isso não me admira. Aconteceram-me tantas coisas por lá... tu sabes.

— Tais como?

— Ora, apenas o curso normal e imprevisível dos acontecimentos. O meu maior amigo na Força Aérea morreu para me salvar a vida. Não foi fácil aceitar isso.

— Conta-me como foi, Larry.

Ele olhou-a com uma angústia profunda no olhar.

— Preferia não falar no assunto. Afinal, foi apenas um incidente como tantos outros.

Sendo emotiva por natureza, os olhos de Isabel estavam de novo marejados de lágrimas.

— És infeliz, querido?

— Não — respondeu ele a sorrir. — A única coisa que me deixa infeliz é saber que te estou a fazer infeliz. — Pegou na mão dela e havia tanta amizade no toque firme da sua mão sobre a dela, um afecto tão íntimo que ela teve de morder o lábio para não chorar. — Acho que nunca terei paz até me decidir sobre certas coisas — disse ele muito sério. Hesitou. — É muito difícil traduzi-lo por palavras. No momento em que se tenta, sentimos vergonha e dizemos a nós próprios: «Quem sou eu para matar a cabeça com isto, aquilo ou aqueloutro? Talvez eu não passe dum pedante, dum convencido.

Não seria melhor fazer o que todos fazem e esperar o que a vida me reserva?» E depois pensamos num tipo que uma hora antes estava a rir, cheio de vida, e de repente está morto; é tudo tão cruel, tão sem significado. É difícil não nos questionarmos sobre a essência da vida, sobre se faz algum sentido ou se tudo não passa do erro trágico dum destino cego.

Era impossível Isabel não ficar emocionada quando Larry falava com aquela sua voz maravilhosamente melodiosa, fazendo pausas como se tivesse de se obrigar a dizer o que preferia calar, mas dizendo-o mesmo assim com tão angustiada sinceridade, e durante algum tempo ela ficou sem forças para falar.

— Será que ia ajudar se te fosses embora por algum tempo?

Ela fez-lhe a pergunta com o coração apertado. Ele demorou muito a responder.

— Acho que sim. Uma pessoa tenta ser indiferente à opinião dos outros, mas não é fácil. Quando essa opinião é antagónica, desencadeia em nós antagonismos que nos perturbam.

— Então porque não vais?

— Bem, por tua causa.

— Sejamos francos um com o outro, querido. Neste momento não há lugar para mim na tua vida.

— Isso quer dizer que já não queres ser minha noiva?

Ela forçou um sorriso nos lábios trémulos.

— Não, tontinho, significa que estou preparada para esperar.

— Pode ser um ano. Podem ser dois.

— Não faz mal. Também pode ser menos. Para para onde é que tu gostarias de ir?

Ele olhou-a com intensidade, como se tentasse perscrutar-lhe os recônditos do coração. Ela entreabriu um sorriso ténue para esconder a profunda angústia que sentia.

— Bem, pensei começar por Paris. Não conheço lá ninguém. Não haveria ninguém para interferir na minha vida. Fui a Paris várias vezes quando estava de licença. Não sei porquê, mas meti na cabeça que lá conseguiria esclarecer tudo o que está confuso na minha mente. É uma imagem curiosa, dá a sensação de que lá conseguimos levar os pensamentos até ao fim sem impedimentos nem obstáculos. Acho que lá serei capaz de ver o caminho que se abre à minha frente.

— E se não fores?

Ele sorriu.

— Nesse caso, recupero o proverbial bom senso americano, admito o fracasso, volto para Chicago e aceito qualquer emprego.

Este episódio tinha afectado Isabel por de mais para ser capaz de mo narrar sem alguma emoção e, quando terminou, olhou-me cheia de tristeza.

— Acha que fiz bem?

— Acho que fez a única coisa que podia fazer, mas acima de tudo acho que foi maravilhosamente doce, generosa e compreensiva.

— Eu amo-o e quero que ele seja feliz. Sabe, por um lado, não lamento que ele se vá embora. Quero que ele saia desta atmosfera hostil, não só para bem dele, mas também meu. Não posso censurar as pessoas quando dizem que ele nunca terá grande sucesso; detesto quando o dizem e, no entanto, cá bem no fundo, tenho um medo terrível de que tenham razão. Mas não me diga que fui compreensiva. Não consigo de todo compreender o que ele procura.

— Talvez compreenda melhor com o coração do que com a razão. — Sorri. — Porque não casa de imediato e vai com ele para Paris?

A sombra de um sorriso perpassou-lhe o olhar.

— Não há nada que eu mais quisesse. Mas não seria possível. Sabe como é... embora odeie admiti-lo, acredito de facto que ele estará melhor sem mim. Se o Dr. Nelson estiver certo e ele estiver a sofrer de choque pós-traumático tardio, certamente novos ambientes e novos interesses irão curá-lo e, quando recuperar de novo o equilíbrio, regressará a Chicago e começará a trabalhar como toda a gente. Não gostaria de casar com um ocioso.

Isabel fora educada de determinada maneira e aceitava os princípios que lhe tinham sido inculcados. Não pensava em dinheiro, porque nunca soubera o que era não ter tudo o que precisava, mas compreendia instintivamente a sua importância. Significava poder, influência e estatuto social. Era óbvio, e natural, que um homem procurasse ganhá-lo. Era o mínimo que podia fazer.

— Não me surpreende que não entenda o Larry — disse eu — porque eu tenho quase a certeza de que nem ele próprio se entende. Se ele está reticente quanto aos seus objectivos de vida, pode ser

porque se lhe afiguram pouco nítidos. Mas, repare, eu mal o conheço e isto são apenas palpites: não será possível que ele ande à procura de alguma coisa, mas não saiba o quê nem tenha a certeza se é lá que ela se encontra? Talvez o que quer que lhe tenha acontecido na guerra tenha provocado nele uma inquietação que não o deixa sossegar. Não lhe parece que ele pode estar a perseguir um ideal que se encontra encoberto pelas trevas do desconhecido, tal como um astrónomo em busca de uma estrela que só os cálculos matemáticos lhe dizem que existe?

— Eu sinto que há qualquer coisa que o perturba.

— O espírito dele? Pode ser que esteja um pouco assustado consigo mesmo. Pode ser que não tenha confiança na autenticidade da visão que indistintamente lhe surge no fundo da mente.

— Ele causa-me por vezes uma sensação tão estranha; a sensação de um sonâmbulo que subitamente acorda num local desconhecido e não consegue perceber onde está. Ele era tão normal antes da guerra. Uma das coisas boas que tinha era o seu enorme gosto de viver. Era tão cabeça no ar e tão alegre, era maravilhoso estar com ele; tão meigo e tão engraçado. O que poderá ter acontecido que o modificou tanto?

— Não lhe sei dizer. Às vezes um acontecimento muito insignificante pode ter num indivíduo um efeito desmesurado. Depende das circunstâncias e da sua disposição no momento. Recordo-me de ir à missa, no dia a que nós chamamos de Todos os Santos e a que os Franceses chamam Dia de Finados, a uma igreja numa aldeia que os Alemães destruíram parcialmente na sua primeira investida em território francês. Estava repleta de soldados e mulheres vestidas de preto. No cemitério havia filas e filas de pequenas cruces de madeira e, à medida que o serviço religioso avançava, triste e solene, e as mulheres choravam e os homens também, eu tive a sensação de que aqueles homens que jaziam debaixo daquelas cruces estavam em melhor situação do que nós, os que estávamos vivos. Conteí a um amigo o que sentia e ele perguntou-me o que eu queria dizer com aquilo. Não fui capaz de lhe explicar e percebi que ele achava que eu estava completamente doido. E lembro-me também de ver, depois de uma batalha, uma pilha de soldados franceses mortos amontoados uns por cima dos outros. Faziam lembrar bonecos de um espectáculo de marionetas falido que tivessem sido atirados atabalhoadamente

para um canto poeirento, porque já não serviam para nada. Na altura pensei exactamente o mesmo que o Larry lhe disse: os mortos têm um ar terrivelmente morto.

Não desejo que o leitor pense que estou a fazer um mistério do que possa ter acontecido a Larry durante a guerra para o afectar tão profundamente, mistério esse que virei a desvendar no momento oportuno. Julgo que ele não contou a ninguém. Contou, todavia, muitos anos mais tarde, a uma mulher, Suzanne Rouvier, que tanto eu como Larry conhecíamos, a história do jovem aviador que morrera para lhe salvar a vida. Ela repetiu-me essa história e, portanto, só posso relatá-la em segunda mão. Traduzi-a do francês. Aparentemente, Larry tinha travado uma grande amizade com outro jovem do seu esquadrão. Suzanne só o conhecia pela alcunha trocista por que Larry se referia a ele.

— Era um tipo baixinho de cabelo ruivo, um irlandês. Costumávamos chamar-lhe *Anjinho* — disse ele — e tinha mais vitalidade do que qualquer outra pessoa que já conheci. Caramba, era um piolho eléctrico. Tinha uma cara e um sorriso tão cómicos que dava vontade de rir só de olhar para ele. Um estouvado dos diabos, fazia as maiores tropelias; andava sempre a arranjar sarilhos com os superiores. Não tinha medo de nada e, quando escapava à morte por milímetros, escancarava um sorriso como se lhe tivessem contado a anedota mais engraçada do mundo. Mas era um aviador nato e lá em cima, no ar, era calmo e prudente. Ensinou-me muito. Era um pouco mais velho do que eu e era o meu protector; tinha até muita piada, porque eu era uns bons quinze centímetros mais alto do que ele e, se tivesse havido alguma briga entre nós, eu tinha-o arrumado sem o menor esforço. Uma vez, em Paris, quando ele estava bêbado e eu tive receio que se metesse em sarilhos, foi o que fiz.

«Sentia-me um pouco desenquadrado quando me juntei ao esquadrão, com medo de meter o pé na argola, e ele costumava brincar comigo e dizia-me para ter confiança em mim próprio. Tinha uma postura curiosa em relação à guerra, não sentia qualquer ódio pelos Boches; adorava uma boa escaramuça e divertia-se à grande a combatê-los. Para ele, derrubar um avião inimigo era simplesmente uma partida das boas. Era desbragado, louco e irresponsável, mas havia nele algo de tão genuíno que era impossível não se gostar dele. Era capaz de nos dar o seu último cêntimo tão facilmente como

aceitava o nosso. E se um tipo se sentisse sozinho, com saudades ou com medo, e isso acontecia-me às vezes, ele apercebia-se e, com aquela cara feia e mirrada vincada pelo riso, dizia exactamente a palavra certa para nos fazer sentir melhor.»

Larry deu uma cachimbada e Suzanne esperou que ele continuasse.

— Costumávamos manobrar as coisas para podermos gozar a licença juntos e quando estávamos em Paris ele perdia a estribeiras. Divertíamo-nos à grande. Estava previsto termos uma licença no princípio de Março, estávamos a dezoito... isso mesmo, e já fazíamos planos antecipadamente. Íamos fazer tudo aquilo a que tínhamos direito. Na véspera do início da licença mandaram-nos sobrevoar as linhas inimigas e, no regresso, fazer um relatório do que tínhamos visto. De repente demos de caras com vários aviões alemães e, sem mais nem menos, vimo-nos envolvidos num violento combate. Um deles veio para cima de mim, mas eu acertei-lhe primeiro. Espreitei para ver se o tinha abatido e, nesse momento, vi pelo canto do olho outro avião na minha cauda. Mergulhei em voo picado para tentar despistá-lo, mas ele veio sobre mim como um relâmpago e eu julguei que a minha hora tinha chegado; foi nesse momento que vi o *Anjinho* aparecer por trás dele como um raio e despejar-lhe em cima tudo o que tinha. Eles já tinham a sua conta e dispersaram, e nós regressámos à base. O meu avião estava bastante danificado e foi por um triz que consegui aterrar. O *Anjinho* tinha chegado antes de mim. Quando saí do avião, eles tinham acabado de o tirar. Estava deitado no chão à espera da ambulância. Sorriu, quando me viu.

«— Abati aquele gajo que estava na tua cauda, disse ele.

«— Então, *Anjinho*, o que foi que te aconteceu? — perguntei eu.

«— Ah, não foi nada, pá. Ele atingiu-me na asa.

«O seu rosto tinha uma palidez de morte. De súbito, o olhar adquireu um estranho fulgor. Tinha-se apercebido nesse momento que estava às portas da morte e a possibilidade de morrer nunca lhe tinha passado pela cabeça. Sem dar tempo a que o impedissem, sentou-se e deu uma gargalhada.

«— Não é possível... — disse ele. E caiu para trás, morto. Tinha vinte e dois anos. Ia casar com uma rapariga na Irlanda quando a guerra acabasse.»

No dia seguinte à minha conversa com Isabel parti de Chicago para São Francisco, onde apanharia um navio para o Extremo Oriente.